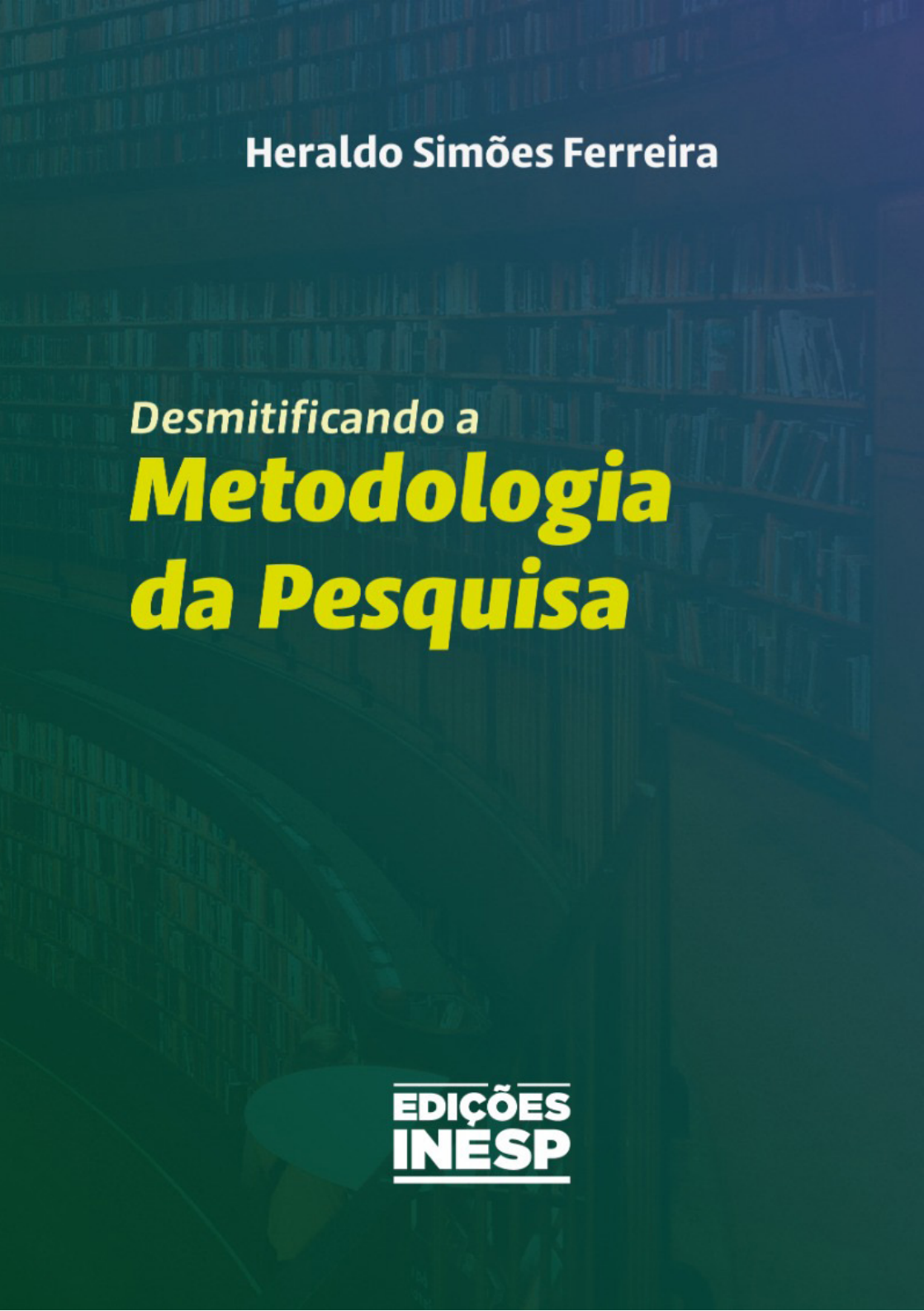




Heraldo Simões Ferreira

Desmitificando a
***Metodologia
da Pesquisa***

**EDIÇÕES
INESP**



ALECE
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

DESMITIFICANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA



UNIPACE
ESCOLA SUPERIOR DO PARLAMENTO
CEARENSE

Heraldo Simões Ferreira

DESMITIFICANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA



Fortaleza - Ceará

2024

Copyright © 2024 by INESP

Coordenação Editorial

João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial

Rachel Garcia, Valquiria Moreira

Diagramação

Mario Giffoni

Capa

José Gotardo Filho

Revisão

Lúcia Jacó Rocha

Coordenação de impressão

Ernandes do Carmo

Impressão e Acabamento

Inesp

Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

F383d Ferreira, Heraldo Simões.
Desmitificando a metodologia da pesquisa [livro eletrônico]
/ Heraldo Simões Ferreira. – Fortaleza: INESP, 2024.
144 p. : il. color. ; 3100 KB ; PDF

ISBN: 978-85-7973-239-3

1. Pesquisa – Metodologia. 2. Pesquisa científica. I. Ceará.
Assembleia Legislativa. Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o
Desenvolvimento do Estado. II. Título.

CDD 001.42

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,
desde que citados autores e fontes.

Inesp

Rua Barbosa de Freitas, 2674

Anexo II da Assembleia Legislativa, 5º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

APRESENTAÇÃO

O conjunto sistematizado de processos que regem as investigações e pesquisas colabora para consolidar o conhecimento científico. O método, então, contribui para que possamos encontrar soluções para problemas de várias ordens, intervindo na realidade, com os seus variados potenciais de realização, para benefício social.

As universidades colaboram com esse objetivo por meio da produção de monografias, dissertações, teses e outros trabalhos de finalização de cursos. A exposição de argumentações organizadas e coerentes que derivam das investigações aumenta o poder de convencimento e persuasão, pois colabora para a fixação dos pontos seguros.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), por meio do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), tem a honra de disponibilizar esta obra de inquestionável qualidade, que proporciona empoderamento intelectual e colabora para tomarmos decisões que nos levem a alterar os rumos do estado e do país.

Deputado Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

PALAVRA DO DIRETOR EXECUTIVO DO INESP

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece). Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o "Edições Inesp" e o "Edições Inesp Digital", que têm como objetivos editar livros, coletâneas de legislação e periódicos especializados. O "Edições Inesp Digital" obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O "Edições Inesp Digital" já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações alcança uma marca de 4 milhões de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O Desmistificando a metodologia da pesquisa é mais uma obra do diversificado catálogo de publicações do "Edições Inesp Digital", que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas
sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará

PREFÁCIO

Rumo à Jornada do Conhecimento

Caro leitor,

Ao chegar ao final desta jornada intelectual intitulada "Desmitificando a Metodologia da Pesquisa", espero que tenha adquirido não apenas conhecimentos técnicos sobre como conduzir uma pesquisa de forma eficaz, mas também uma compreensão mais profunda sobre a essência da pesquisa como um processo de descoberta, questionamento e inovação.

Ao longo deste livro, exploramos os meandros da metodologia da pesquisa, desvendando os mitos e desafios que muitas vezes obscurecem o caminho do pesquisador iniciante. Desde a formulação de uma pergunta de pesquisa até a análise e interpretação dos dados, buscamos fornecer orientações claras e práticas para ajudá-lo a navegar por esse território complexo com confiança e clareza.

No entanto, a pesquisa vai além de meros procedimentos metodológicos. É um processo vivo, impulsionado pela curiosidade humana, pela paixão pelo conhecimento e pelo desejo de fazer uma contribuição significativa para o mundo ao nosso redor. É uma jornada que exige coragem para enfrentar os desafios, resiliência para superar os obstáculos e humildade para reconhecer nossas próprias limitações.

Portanto, à medida que você fecha este livro e se prepara para embarcar em sua própria jornada de pesquisa, gostaria de oferecer algumas palavras de encorajamento. Lembre-se de que cada obstáculo é uma oportunidade de aprendizado, cada fracasso é uma chance de crescimento e cada descoberta é uma vitória para ser celebrada.

Mantenha-se aberto ao desconhecido, questione o estabelecido e desafie o convencional. A pesquisa é um

processo contínuo de exploração e descoberta, e cada novo passo que você dá o levará mais perto da verdade e da compreensão.

Por fim, lembre-se de que você não está sozinho nesta jornada. Há uma comunidade vasta e diversificada de pesquisadores, mentores e colegas prontos para apoiá-lo em sua busca pelo conhecimento. Não hesite em buscar orientação, colaboração e inspiração sempre que necessário.

Com isso, desejo-lhe sucesso em sua jornada de pesquisa e espero que este livro tenha sido um guia útil em sua busca pelo conhecimento. Que suas descobertas sejam profundas, suas contribuições sejam significativas e seu impacto seja duradouro.

Obrigado por embarcar nesta jornada conosco e abracem a jornada da pesquisa com determinação, humildade e paixão.

Profa. Dra. Lídia Andrade Lourinho
Diretora da UNIPACE

SUMÁRIO

I INTRODUÇÃO	17
II PESQUISA ACADÊMICA E SUAS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS	22
A Quanto à abordagem: qualitativa e quantitativa	24
B Quanto à natureza: básica x aplicada	28
C Quanto aos objetivos: exploratória ou descritiva	29
D Quanto aos procedimentos	31
D.1 Pesquisa experimental.....	31
D.2 Pesquisa bibliográfica.....	32
D.3 Pesquisa documental	33
D.4 Pesquisa de campo	33
D.5 Pesquisa ex-post-facto	34
D.6 Estudo de caso	34
D.7 Pesquisa participante.....	35
D.8 Pesquisa-ação.....	36
D.9 Pesquisa etnográfica.....	37
D.10 Pesquisa metodológica	38
D.11 Pesquisa de história de vida, de história oral, biográfica ou autobiografia	38
E Quanto ao tempo da pesquisa.....	39
E.1 Pesquisa longitudinal.....	39
E.2 Pesquisa transversal.....	40
F Concluindo: Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)	41
III ELEMENTOS DE UM PROJETO: PRÉ-TEXTUAIS, TEXTUAIS E PÓS-TEXTUAIS	42

IV CONSTRUINDO UM PROJETO DE PESQUISA: TEMA, TÍTULO E INTRODUÇÃO - DIÁLOGO FICTÍ- CIO ENTRE SÓCRATES E PLATÃO!.....	46
--	-----------

V OBJETIVOS DA PESQUISA	73
--------------------------------------	-----------

VI REVISÃO DE LITERATURA OU REFERENCIAL TEÓRICO: O CAPÍTULO EMINENTEMENTE BIBLIO- GRÁFICO DO PROJETO	87
---	-----------

VII METODOLOGIA - O CAMINHO A SER PERCOR- RIDO PELA PESQUISA	99
---	-----------

A Paradigma	101
--------------------------	------------

B Campo de estudo.....	107
-------------------------------	------------

C Abordagem	108
--------------------------	------------

D Tipo de estudo.....	110
------------------------------	------------

E Cenário e período da pesquisa	111
--	------------

F Participantes da pesquisa	115
--	------------

G Coleta de dados	115
--------------------------------	------------

H Análise de dados	120
---------------------------------	------------

I Procedimentos éticos	123
-------------------------------------	------------

J SÍNTESE DO PROJETO (modelo)	125
--	------------

VIII CAPÍTULOS DERRADEIROS EM UMA PESQUI- SA ACADÊMICA: RESULTADOS/DISSCUSSÕES E CONCLUSÕES FINAIS	128
---	------------

A Resultados e discussões	128
--	------------

1 Questionário fechado, objetivo, quantitativo ...	130
---	------------

2 Entrevista/Questionário - abertos, subjetivos, interpretativos e qualitativos.....	130
---	------------

3 Observação	133
---------------------------	------------

4 Testes	133
5 Busca documental.....	133
B Conclusão/Considerações finais.....	134
C Epílogo	136
REFERÊNCIAS	137

"Por toda parte eu vou persuadindo a todos, jovens e velhos, a não se preocuparem exclusivamente, e nem tão ardentemente, com o corpo e com as riquezas, como devem preocupar-se com a alma, para que ela seja quanto possível melhor, e vou dizendo que a virtude não nasce da riqueza, mas da virtude vêm, aos homens, as riquezas e todos os outros bens, tanto públicos como privados".

Sócrates (Apologia¹ de Sócrates, por Platão).

¹ Apologia de Sócrates é uma obra de Platão, filósofo da Grécia Antiga, sendo uma versão dos discursos proferidos por Sócrates em 399 a.C., durante o julgamento de que foi alvo.

PRÓLOGO

Ao convite da leitura, engajo a admiração pela obra do autor e os sentidos do aprender a viver com a ciência. Parafraseando o poeta, educador e também filósofo da ciência Rubem Alves, disponho: "A vida é muito mais que a ciência". Nesse tom, exprimiram-se todos os significados do aprender deste livro. São reflexões denotadas pelas vivências de um pesquisador na seara da educação, da saúde e da vida.

Indissociáveis, expressa a experiência do querido professor Heraldo Simões Ferreira em suas ampliações intersubjetivas, ou seja, no jeito "humano" de ser; ele consegue dispor, conteúdos operacionais com a maestria de educador pleno. Ainda, nos dá a sensação de facilidade pela exposição e incentivo às reflexões da prática na busca de uma 'práxis' na ciência.

Quando sempre precisei, foi em seu exemplo que encontrei abrigo para o aprendizado com objetividade e afeto. Em boas conversas, interrogava nossas intenções e desejos. E mais, apresentava-nos práticas que inspiravam nossas iniciativas. Tive o prazer dessa oportunidade ao conviver com o autor durante o doutorado em Saúde Coletiva, como colegas de turma, bem como enquanto estagiário pós-doutoral sob sua supervisão no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Encontro no texto um pesquisador em sua práxis. Por conviver nas atividades por ele lideradas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), percebo a coerência entre as proposições textuais e as atitudes cotidianas dele, no estímulo à produção do conhecimento em saúde e educação para transformação desses contextos no Brasil.

Em proposições "socráticas" que nos instigam aos questionamentos do fazer, o texto nos leva ao olhar reflexivo implicado nas nossas vontades, desejos e, também, obrigações acadêmicas. Tornar "fácil" a produção do conhecimento indica aos leitores uma ampliação do olhar sobre os fenômenos em análise, situações em descrição, cartografias de relações e contextos em multiplicidade.

A pauta filosófica do pensamento sobre as práticas nos envolve em questionamentos sobre os critérios de verdade, reconhecimento de saberes e produções de conhecimentos. A pesquisa que assume a crítica e a reflexividade se torna estratégica para a transformação social.

O texto desponta polos focais de dualidades paradoxais, sem silenciar o espaço entre estes. Nesse espectro, os processos, continuidades, gradientes e espectros se entrelaçam pelo entendimento da multiplicidade e complexidade do mundo em que vivemos. Pesquisar é explorar, descobrir e operacionalizar métodos de indução-dedução sobre causalidades, condicionantes e determinantes para os contextos do laboratório-vida.

Como aprender a fazer? Em consonância com os saberes necessários e desejantes para a leitura da pesquisa, disponibilizaram-se ilustrações-sínteses que nos integram às classificações, ordenações e direcionamentos. Ao pensar o que se deseja, o caminhar exige imagens-objetivos do que precisamos para realizar nosso "sonho". Os produtos acadêmicos são requisitos vivos dessa transformação para o alcance de títulos, construções e aplicações, na prática.

A todo momento, somos instigados pelo diálogo entre o ideal e o real. Nossos sonhos e desejos para fazer nossa pesquisa se equilibram nessa corda-vida do que podemos ou não para operacionalizar nosso processo investigativo. Eis a estratégia desta obra: reconhecer os limites e possi-

bilidades para efetivar nossas produções em pesquisa pelo diálogo.

Como é bom a gente nós termos um exemplo para inspirar nosso aprendizado! As partes de um projeto de pesquisa são espelhadas em modelagens ilustrativas e simbólicas que configuram nossa mente para um pensar operativo. O entendimento é oportunizado por analogias factíveis com quem operacionaliza uma pesquisa.

Parece-nos que a "Luz" nos chega por um texto tão explicativo, tal como um leitor assentado em uma "Escruidão" que se clareia pela busca ao método. A saída desse labirinto é orientada por enigmas, os quais a reflexão, a crítica e o diálogo solucionam, respondendo aos presentes na "Caverna", parafraseando Platão.

O mundo das ideias assume também um subjetivismo da ação humana, sem desprezar, aqui nesta obra, a racionalidade metodológica da pesquisa. Existe um agir que impõe a construção de nossos produtos. Em concepções e práticas, somos razão e emoção, sujeitos para objetos múltiplos e jogadores de um processo ético, estético e político da ciência.

Aos leitores, oferta-se um portal para ampliação de raciocínios, reflexões e instrumentalizações para o cotidiano vivo do mundo em sociedade. Os enfoques operativos são disparadores para o aprendizado, que culminam na realização de outras obras, pesquisas, tecnologias e compreensões sobre o vivido. Uma aula permanente para se conhecer e fazer da ciência!

A exemplo do autor, em sua alegria em viver com a família, com os pares e com os sujeitos em aprendizado, valorizam-se os sonhos. E, sempre, recordam-se as aulas-espetáculo do extraordinário poeta Ariano Suassuna: "O sonho é que leva a gente para a frente. Se a gente for seguir a razão, fica aquietado, acomodado". Ao que prefa-

cio: não se aquietem, revirem as páginas, observem este convite e adentrem no aprender pela reflexão, coerência e aplicação dos saberes aqui discutidos.

Leiturem-se!

Prof. Dr. Antonio Germane Alves Pinto
Universidade Regional do Cariri (URCA)

I INTRODUÇÃO

"A vida sem ciência é uma espécie de morte."

Sócrates

Elaborar um projeto de pesquisa, no caso de uma dissertação ou de uma tese de doutorado, pode parecer algo extremamente complexo, que leva muito tempo para sua devida produção e exige um conhecimento refinado acerca de metodologia, sendo uma tarefa para poucos.

Alguns alunos afirmam ser um trabalho hercúleo, muitas vezes impossível de ser realizado. Nesse sentido, este livro se apresenta como uma proposta de desmitificação da escrita de um projeto de dissertação e/ou tese de doutorado. Aponta para a possibilidade de que, com disciplina, força de vontade e leitura, é possível executar, e bem-feito, um projeto com qualidade, tal como fez Hércules ao executar seus 12 trabalhos.

A palavra desmitificar é oriunda da palavra mito, que, por sua vez, significa algo fantasioso, irreal, inacreditável ou, ainda, pode representar uma imagem de algo ou de alguém que, embora seja aceita pela sociedade, é exagerada. Assim sendo, desmitificar é desfazer um mito, retirar o caráter lendário (PAVAN, 2022).

Desse modo, a escrita de uma dissertação/tese se assemelha ao mito de Sísifo, que, na mitologia grega, representava a rebeldia do homem para com as decisões divinas. Sua audácia o levou a ser castigado por Zeus, que o condenou a empurrar por toda a eternidade, para cima de um monte, uma rocha gigantesca, em formato de globo, e que, ao chegar ao topo, rolava novamente para o seu ponto de partida. Com isso, Sísifo deveria refazer o trabalho; para sempre, conforme se narra na Odisseia.

Figura 1: O castigo de Sísifo



Fonte: Google Imagens (2023).

Ora, tal castigo não parece com aquele em que o orientador recebe o trabalho, somente critica, retira trechos e devolve sem nenhuma sugestão? O aluno, então, parece repetir a sina de Sísifo, ou seja, tenta produzir o projeto, desfeito, e depois se vê voltando para o início, para um recomeço, em um ciclo sem fim.

O mito de Sísifo revela o trabalho em vão do homem, que, porém, não deixa de acreditar em seus esforços. Os estudantes, em suas produções de projetos de pesquisa, em determinadas situações, se colocam como o castigado do mito aqui apresentado; pensam que não conseguem mais carregar a pedra, não desejam mais empurrá-la e depois voltar para o nada. Tal ação se apresenta como um sofrimento de repetição para sempre, todavia, seus esforços necessitam ser recompensados.

A pedra que Sísifo carrega é a dissertação/tese que o aluno escreve; entretanto, se o presente livro se propõe a desmitificar esse assunto, o enredo aqui descrito pode ser alterado. O que ocorreria se a pedra, ao chegar ao topo, não voltasse? O trabalho estaria encerrado! Aqui iremos propor

exatamente isto: realizar a tarefa (empurrar a pedra, sem deixar que retorne!), seguir um caminho (metodologia) e chegar ao cume com sucesso (defender a dissertação/ tese).

Para tanto, juntamos a experiência do autor em orientação científica de mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, sua experiência em produção acadêmica com mais de 120 artigos publicados, e, principalmente, sua vontade de ajudar mais pessoas a atingirem seus objetivos de produzir projetos de dissertações/teses com qualidade e sucesso, desmitificando esse processo.

Muitas vezes nos deparamos com orientadores e pesquisadores narcisistas, que se negam a auxiliar e se afundam em seu próprio mundo. Narciso era considerado o mais belo e vaidoso dentre os homens, até que, um dia, após negar o seu amor para várias pretendentes, pois, considerava que não havia ninguém tão formoso quanto ele próprio, acabou se apaixonando por si, vendo sua imagem refletida nas águas cristalinas de um rio, e, ao se aproximar para beijar seu reflexo, caiu nas águas e se afogou em sua própria beleza.

Figura 2: O mito de Narciso (Pintura de Caravaggio)



Fonte: Google Imagens (2023).

O mito de Narciso nos deixa como lição que a vaidade e a falta de empatia podem nos levar à derrocada. Narciso passou a ser sinônimo do individualismo e do excesso de amor a si. Desta feita, o autor deste livro busca fugir dessa armadilha e se volta para a possibilidade de colaborar, ajudar e se colocar no lugar de alunos com dificuldades na escrita de seus projetos de pós-graduação.

Para essa pretensão, explicamos agora, de forma resumida, nosso método de escrita de dissertações e teses, a ser apresentado neste livro. Não iremos aqui reproduzir as normas e aspectos de formatação de texto. Não nos cabe isso, e, para tais informações, existem manuais e cartilhas próprias, além de inúmeras obras que tratam do assunto.

Pretendemos "colocar a mão na massa" e fazer com que o aluno, de uma vez por todas: compreenda como se faz uma introdução e quais elementos devem estar ali presentes; saiba a importância da "trinca sagrada do projeto" (título, pergunta principal e objetivo geral); produza questões secundárias de acordo com os objetivos específicos; disserte sobre suas motivações ou justificativas (pessoais, pedagógicas, científicas e políticas-sociais); reforce a relevância de seu estudo; elenque seus objetivos, justificando a escolha dos verbos; e, principalmente, possa discorrer acerca da metodologia de seus projetos (paradigma, campo de estudo, abordagem, tipo de estudo, cenário, participantes, coleta e análise de dados, procedimentos éticos e síntese metodológica).

Tudo isso será feito desmitificando o que foi experimentado nos bancos da academia, nas conversas com colegas e nas "desorientações" de professores. Após esta introdução (capítulo I), apresentaremos dois capítulos conceituais, um sobre a pesquisa acadêmica e suas possibilidades metodológicas (capítulo II) e, na sequência, outro acerca dos elementos de um projeto, sejam pré-textuais, textuais e pós-textuais (capítulo III).

Na continuidade, do capítulo IV em diante, trataremos dos trechos específicos para a construção de um projeto de pesquisa, passo a passo, capítulo a capítulo, da introdução até a metodologia. Para tanto, iremos recorrer à proposta de um projeto fictício, construindo-o ao longo do livro, para melhor visualização.

A ficção será apresentada em um diálogo entre um professor orientador, aqui denominado Sócrates, e um aluno, por nós, chamado de Platão. Esperamos que a finalidade de ajudar, colaborar e se colocar no lugar do outro possa ser atingida.

II PESQUISA ACADÊMICA E SUAS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS²

"O verdadeiro conhecimento vem de dentro."

Sócrates

Os trabalhos científicos compreendem a aplicação prática de um conjunto sistematizado de processos metodológicos de investigação, utilizados para o desenvolvimento de um estudo delimitado. Buscam encontrar a solução para algum problema e são passíveis de validação e de demonstração, através de investigações e experimentações que podem ser replicadas. A pesquisa científica requer um tipo de conhecimento específico: o científico. Todavia, existem outros tipos de conhecimento: empírico, filosófico e religioso.

Figura 3: Tipos de conhecimento



Fonte: Google Imagens (2023).

² Este capítulo, originalmente escrito pelo Professor Dr. Heraldo Simões Ferreira, teve a colaboração posterior da Professora Dra. Maria Adriana Borges (SME/Fortaleza).

Segundo o exemplo da chuva: "Vai chover? Por qual motivo? Por que chove? Que fenômeno promove a chuva?". Trata-se de um conhecimento válido, porém, ancorado no saber filosófico, na eterna reflexão por meio de questionamentos.

Por sua vez, o conhecimento religioso se apodera de crenças absolutas, inegáveis, inquestionáveis: "Vai chover porque Deus quer!". Também é um conhecimento válido, todavia, utilizado para explicar fenômenos por meio de dogmas religiosos.

Nesse contexto filosófico e antropológico de pensar, a Figura 4 representa as indagações de uma roda-viva de pesquisa.

Figura 4: A roda-viva da pesquisa



Fonte: Google Imagens (2023).

Deslandes (2013) e Minayo (2013) descrevem os elementos constitutivos de um projeto de pesquisa, conforme com a figura 4:

- O que pesquisar? Definição do problema, hipótese, base teórica e conceitual;
- Para que pesquisar? Propósito do estudo e seus objetivos;
- Por que pesquisar? Justificativa da escolha do problema e a relevância do estudo;
- Como pesquisar, onde, quando, quantos, quais? Metodologia utilizada.

O conhecimento científico, por sua vez, respeita uma sistematização e regras específicas e, assim, se torna mais confiável do que o senso comum. É probabilístico, contextualizado e considera apenas as condições dos experimentos, dos fatos, fenômenos e observações. Possui como objetivo: conhecer, interpretar e intervir na realidade. Em si, é um método científico que necessita e produz conhecimento.

Segundo Minayo (2013, p. 10), "a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer: ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização".

A pesquisa científica pode ser classificada quanto à abordagem, à natureza, aos objetivos, aos procedimentos e ao tempo, classificações tratadas a seguir.

A Quanto à abordagem: qualitativa e quantitativa

As pesquisas científicas são classificadas, como explicitam Collado, Lucio e Sampieri (2013), sob três enfoques: qualitativo, quantitativo e misto (quali-quant), este último demonstrando que antes de serem excludentes, as abordagens qualitativas e quantitativas são, na verdade, complementares em muitos aspectos.

A pesquisa qualitativa busca explicar fenômenos de forma subjetiva, abstrata, interpretativa e singular, con-

siderando as relações, crenças e valores humanos. Já a abordagem quantitativa se volta para questões numéricas, objetivas, de fácil reprodução e com fins estatísticos. Porém, quando as abordagens se tornam métodos complementares de uma mesma pesquisa científica, configura-se a abordagem mista, qualiquantitativa ou quantiqualitativa, tanto faz, pois, em muitos momentos a pesquisa qualitativa necessita interpretar dados numéricos, trazidos pela pesquisa quantitativa.

Na **abordagem qualitativa**, não se buscam respostas objetivas. Por exemplo, pessoas entrevistadas sobre um determinado assunto possuem liberdade de resposta e não somente opções oferecidas como possibilidades; assim, oferece-se uma maior complexidade na compreensão de um fenômeno ou na interpretação do que é pesquisado.

Não possui uma estrutura única, oferecendo mais liberdade ao pesquisador que se concentra em se aprofundar no processo investigativo, com o intuito de refletir acerca dos motivos, pensamentos, ações e atitudes dos sujeitos do estudo.

Além disso, não se atém somente aos números, gráficos, tabelas e quadros, porém não os desprezam, já que podem também ser qualificados, compreendidos. Volta-se para o processo indutivo, sendo uma pesquisa de caráter exploratório e investigativo (CRISTIANE, 2014; EVÊNCIO *et al.*, 2019).

A pesquisa qualitativa é exploratória, pois corre na tentativa de compreender razões, motivações, saberes, justificativas, trajetos e opiniões dos investigados. Na prática, a pesquisa qualitativa ajuda a desenvolver ideias ou hipóteses para as pesquisas quantitativas em potencial.

As principais técnicas de coleta de dados qualitativos são utilizadas de forma não estruturada ou semiestruturada, e são elas: questionários abertos e subjetivos, entre-

vistas individuais ou em grupo (incluindo o grupo focal), observações (participantes e não participantes), busca documental e técnicas projetivas (desenhos, figuras, fotos). Essas técnicas de coleta buscam obter o maior número de informações dos participantes.

Na abordagem qualitativa, a amostra (ou os sujeitos/participantes da pesquisa) geralmente é pequena, intencional e significativa quanto às respostas que se procuram, podendo até ser realizada com um único envolvido (estudo de caso). Não há intenção de reprodução em outro local. O que se pretende, é compreender aqueles atores, e somente eles, não havendo espaço para comparações com outros grupos.

Complementando esse entendimento, Bogdan e Biklen (1994) apontam cinco características comuns aos estudos de natureza qualitativa: ter o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento; os dados coletados são predominantemente interpretativos e subjetivos; ênfase mais no processo que no resultado; os sentidos/significados atribuídos pelas pessoas aos fatos e ideias são de suma relevância para o pesquisador; e o processo indutivo como base para a análise dos dados coletados.

Já a pesquisa ancorada na **abordagem quantitativa** recorre a elementos estatísticos e matemáticos, nos quais evidências são analisadas. Os resultados são apresentados em gráficos, tabelas e quadros, e expostos a médias e desvio padrão. Geralmente, seus resultados levam a tomadas de decisão a partir do que foi revelado (GARCES, 2010; ARAGÃO, 2011).

Gil (1994) classifica e define pesquisa quantitativa como tudo que quantificável, o que significa traduzir opiniões e números em informações, as quais serão classificadas e analisadas.

Oferece a possibilidade de classificar e traduzir os resultados em números, percentuais e médias, quantificando atitudes, opiniões, comportamentos e outras variáveis para formular fatos e revelar padrões.

As técnicas de coleta de dados mais utilizadas são as que se apresentam de forma estruturada e rígida, tais como os questionários fechados e objetivos, testes com escores e técnicas imutáveis, perguntas iguais para os envolvidos com possibilidades de respostas cerceadas por afirmativas ou negativas e formulários objetivos e inflexíveis, pois, em sua maioria, já apresentam as possíveis respostas a serem escolhidas. Por exemplo, as questões de múltipla escolha, às quais o entrevistado responde de forma simples e direta.

A aplicação dessas técnicas busca coletar dados informais ou menos detalhados do que aqueles utilizados na abordagem qualitativa, todavia são mais gerais, amplos e assim podem ser mais representativos para uma população ou universo. A pesquisa quantitativa busca responder às hipóteses (respostas à pergunta principal da pesquisa) que o pesquisador lança, confirmando-as ou rechaçando-as.

Na maior parte das vezes, a pesquisa quantitativa é descritiva, pois a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico ocorrem sem a interferência do pesquisador, sem sua subjetividade. O intuito é coletar, observar e analisar os dados, sem, porém, interferir na interpretação do que foi registrado.

De forma resumida, o enfoque qualitativo seriam as pesquisas que utilizam coleta de dados subjetivas para responder a perguntas e pressupostos de pesquisas, sob o processo de interpretação, apresentando descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interpretações, condutas, observações e suas manifestações. Já nas pesquisas

quantitativas, a análise começa com ideias preconcebidas, baseadas nas hipóteses formuladas. Uma vez coletados os dados numéricos, esses são transferidos para uma matriz, analisada mediante procedimentos estatísticos. Por fim, a abordagem mista é a complementação entre ambas com características de conceitos objetivos e subjetivos, formulados de forma mista desde a problematização inicial da pesquisa (COLLADO, LUCIO E SAMPIERI, 2013).

Figura 5: Diferença da pesquisa quali–quanti



Fonte: <www.questionpro.com> (2023).

B Quanto à natureza: básica x aplicada

No que se refere à natureza, os estudos se enquadram como pesquisas básicas ou aplicadas. A **pesquisa básica**, como o nome sugere, busca apresentar ao leitor, conceitos e fundamentos acerca de um determinado assunto ou objeto de estudo, a partir do que já foi realizado e escrito sobre o tema em questão (revisões de literatura, bibliográficas, integrativas, estado da arte, estado da questão, estudos de revisão, etc.). Também é conhecida como pesquisa teórica. Pode também proporcionar um entendimento sistemático

e profundo de um problema, contribuindo com o conhecimento. Geralmente, os resultados desse tipo de pesquisa contribuem com as pesquisas aplicadas.

A **pesquisa aplicada**, busca desenvolver resoluções de problemas. Para tanto, realiza experimentos, desenvolve estudos de caso e apresenta resultados por meio de aplicações de diversos meios de coletas de dados. Volta-se para a utilização prática, buscando resultados, sem generalizar. É também conhecida como pesquisa de campo.

Figura 6: Pesquisa Básica (teórica) X Pesquisa Aplicada (campo)



Fonte: Google Imagens (2023).

Resumindo, Moresi (2003) define que a pesquisa básica possui como objetivo refletir acerca de conhecimentos úteis para o avanço da ciência. Envolve verdades e interesses universais. Já a pesquisa aplicada tem o intuito de gerar conhecimentos para a aplicação prática dirigida à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.

C Quanto aos objetivos: exploratória ou descritiva

No que se refere aos objetivos, as pesquisas se classificam como exploratórias ou descritivas. A **pesquisa exploratória** busca, tal como sua denominação anuncia, explorar um problema, novos fenômenos, entender melhor situações e estimular pesquisas mais extensas sobre um

mesmo tema. Gera a necessidade de uma maior proximidade do pesquisador com o tema, que pode ser constituído por pressupostos. Geralmente, seu método é mais flexível, não estruturado ou semiestruturado, e seus dados, prioritariamente, são analisados de forma qualitativa.

Gil (2008) e Oliveira (2010) definem a pesquisa exploratória como a principal finalidade para desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, formulando problemas e/ou hipóteses para estudos posteriores, constituindo, desse modo, uma primeira etapa de uma investigação mais ampla.

Figura 7: Pesquisa Exploratória

Pontos principais da pesquisa exploratória



Fonte: <www.questionpro.com> (2023).

A **pesquisa descritiva**, ao contrário, trata de responder aos aspectos amplos e de possível generalização que possam representar uma população. Procura descrever as características de um determinado fenômeno ou grupo populacional, ou seja, busca descrever algo. Seu método é mais rígido, estruturado, e sua análise é quantitativa e

descritiva; não há interferência do subjetivismo do pesquisador, ao contrário: o objetivismo é necessário. Estabelece relações entre variáveis, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresenta esse fato ou fenômeno, constituindo uma análise fiel da realidade apresentada (GIL, 2008; OLIVEIRA, 2010).

Figura 8: Pesquisa Descritiva

Usos da pesquisa descritiva



Fonte: <www.questionpro.com> (2023).

D Quanto aos procedimentos

Existem diversos tipos de estudo quanto aos procedimentos, e os principais são: experimental, bibliográfico, documental, de campo, ex-post-facto, estudo de caso, participante, pesquisa-ação, etnográfico.

D.1 Pesquisa experimental

Nesse tipo de estudo, há o controle de uma variável para influenciar um objeto. Por exemplo: expor ratos

a estresse físico (variável) e depois avaliar o sono destes (objeto). As formas de controle e de observação das causas e efeitos são rigorosas e muitas vezes já validadas pela literatura. Nesse tipo de pesquisa, analisa-se enquanto se testa.

Na concepção de Gil (2008, p. 70), a pesquisa experimental “consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto”.

Oliveira (2010) corrobora com a definição do autor supracitado, ao afirmar que a pesquisa experimental se dedica a controlar dados de laboratório e de campo, manipulando de forma intencional para testar hipóteses.

D.2 Pesquisa bibliográfica

Realizada por material já produzido, ou seja, fontes secundárias, como livros, capítulos de livros e artigos. É também conhecida como levantamento bibliográfico, revisão de literatura (como o próprio nome diz, revisar a literatura sobre um determinado tema), ou referencial teórico (se aprofundar em um referencial de um ou mais autores, de forma mais complexa, esmiuçando sua teoria).

Pode ser também realizada através por meio da busca de estudos relacionados, revisões integrativas, estado da arte, estado da questão, etc., nos quais são analisados os contributos de pesquisas já realizadas sobre um mesmo tema e que, para tanto, possuem metodologias específicas.

Ao conceituar a pesquisa bibliográfica, Oliveira (2010) afirma que é uma modalidade de estudo e análise de documentos, livros, artigos, entre outros, que já tenham reconhecimento de domínio científico.

D.3 Pesquisa documental

Estudo que se debruça sobre fontes diretas, ou seja, materiais ainda sem tratamento analítico. O pesquisador realiza seu estudo através de por meio de um material que ainda não foi comentado, por exemplo, uma ata, uma lei, a Bíblia, um texto jornalístico, etc. No entanto, se o objeto estudado é um livro que já comentou ou analisou uma lei, a Bíblia ou um texto jornalístico, por exemplo, nesse caso, não se trata mais de um texto de fonte direta, pois, já foi explorado antes; assim, torna-se fonte indireta e, nesse caso, é um estudo bibliográfico e não documental.

Em conformidade Segundo Oliveira (2010), a pesquisa documental se caracteriza pela busca de informações em documentos de fonte primária, ou seja, dados originais, a partir dos quais o pesquisador tem uma relação direta com os fatos a serem analisados.

D.4 Pesquisa de campo

Todo estudo cujo investigador vai ao cenário da pesquisa (escola, universidade, academia, hospital, clínica, empresas, indústrias, etc.) e realiza um processo de coleta de dados (questionário, entrevista, observação e testes) com pessoas se torna uma pesquisa de campo.

A pesquisa de campo realmente tem muita relação com o próprio levantamento de dados; no entanto, tem suas características próprias, como sinaliza Gil (2008). O estudo de campo é um método de pesquisa caracterizado por sua flexibilidade quanto aos objetivos e às possibilidades de reformulações ao longo do processo de pesquisa. Tal flexibilidade é favorecida pelo contato direto com os participantes e/ou lócus de estudo, proporcionado pelo próprio levantamento de dados.

D.5 Pesquisa ex-post-facto

É o estudo que utiliza dados passados para investigar relações de causa e efeito. Os dados são coletados com os participantes após um evento. Por exemplo: um estudo com professores para analisar se os conhecimentos adquiridos por eles na graduação, acerca da utilização de tecnologias em sala de aula, foram efetivos e colaboram com a sua prática atual. Também é conhecido como estudos retrospectivo.

Como declaram Gil (2008) e Oliveira (2010), a pesquisa ex-post-facto é sistemática, e empírica e lida com variáveis que, por sua natureza, não são manipuláveis, como sexo, classe social, nível intelectual, preconceito, etc. Por não permitir o controle das variáveis, esse tipo de pesquisa não é usado com frequência.

D.6 Estudo de caso

Estudo complexo e detalhado de um (ou múltiplos) objeto(s). Busca compreender os fatos e fenômenos de um determinado indivíduo, grupo, instituição, evento, programa, situação ou espaço que se entende ser único(a).

De acordo com Yin (2010), o estudo de caso favorece a compreensão dos fenômenos sociais complexos, muito usados na educação, e aplica-se em diferentes áreas, como ciências humanas, sociais, psicologia, sociologia, economia, política e administração. O método preserva características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real realidade, tais como: ciclos de vida individuais e outros.

O estudo de caso se caracteriza, segundo Stake (1998), como um estudo aprofundado de uma determinada unidade em sua complexidade. É um estudo que se desenvolve com a finalidade de obter informações importantes para tomadas de decisões.

Para ambos os autores (Yin e Stake), o estudo de caso pode ser realizado com um indivíduo, um grupo, ou uma instituição. Deve ser um estudo com profundidade e o pesquisador deve ter profunda relação com o objeto de seu estudo.

Stake (1998) defende a ideia de que o estudo de caso busca a particularidade e a complexidade de um caso singular. Para Yin (2001), o objetivo do estudo de caso é compreender, na profundidade, um caso; evidenciar sua identidade e características próprias.

Quanto à tipologia do estudo de caso, esta se classifica em única, crítica ou múltipla (YIN, 2001), ou intrínseca, instrumental ou coletiva (STAKE, 1998). O estudo de caso intrínseco de Stake (1998) equivale ao estudo de caso único de Yin (2001), ou seja, ocorre quando o pesquisador quer compreender com profundidade um caso específico, considerando suas peculiaridades. As tipologias "crítica" e "instrumental", utilizadas pelos autores citados, dizem respeito à criticidade como instrumento de análise a ser utilizada nesse tipo de investigação. Já as tipologias de estudos de caso coletivo e múltiplos são terminologias bem aproximadas e nelas fica claro que o pesquisador não se encontra em um só caso, mas sim em vários, visando com o objetivo de investigar um fenômeno que envolve vários casos.

D.7 Pesquisa participante

A presença e participação do pesquisador junto ao grupo de sujeitos da pesquisa são necessárias nesse tipo de estudo. O envolvimento do pesquisador é direto e influencia o resultado. Estudar os hábitos alimentares de crianças, como reagem a determinados alimentos, como se comportam à mesa, partindo de um pesquisador que é nutricionista da escola onde estudam esses participantes e

os acompanha no horário das refeições, estimulando-os, é um bom exemplo.

A pesquisa participante se caracteriza pelo "envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa" (GIL, 2008, p. 50). O autor ainda frisa que a relação entre o pesquisador e o pesquisado é dialética, envolvida pelos processos históricos. Oliveira (2010) complementa ressaltando o envolvimento dos pesquisadores nas comunidades e sua importância no processo de pesquisa.

D.8 Pesquisa-ação

A pesquisa-ação busca, por meio de uma ação (formação, curso, intervenção, oficina, rodas de conversas), atingir seus objetivos. Para tanto, se faz necessário diagnosticar os problemas, anseios e conhecimentos dos participantes acerca do objeto a ser estudado. Na sequência, deve-se planejar a ação e, em seguida, realizá-la. Finalmente, deve-se avaliá-la, na percepção dos envolvidos. Há forte associação entre a teoria e a ação.

A pesquisa-ação estudada por Thiollent (2011) é definida em sua amplitude como pesquisa social com base empírica, associada a uma ação ou à resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes agem de modo cooperativo.

Thiollent (2011) ressalta que o planejamento da pesquisa-ação é muito flexível e não segue uma ordem rígida de fases. O autor sugere seguir: i) análise e delimitação da situação inicial; ii) delineamento da situação final, em função dos critérios de desejabilidade e de factibilidade; iii) identificação de todos os problemas a serem resolvidos para permitir a passagem do primeiro ao segundo; iv) planejamento das ações correspondentes; v) execução e avaliação das ações.

A pesquisa-ação também apresenta, como um de seus principais referenciais, a proposta de Tripp (2005), que contém a seguinte sequência de fases: 1. Diagnóstico; 2. Planejamento; 3. Ação; e 4. Avaliação. As fases apresentadas se tornam objetivos específicos desse tipo de pesquisa, ou seja: realizar o diagnóstico sobre alguma situação ou contexto; em seguida, com os resultados do diagnóstico e das demandas dos envolvidos, planejar a futura ação, incluindo nesse momento, representantes dos participantes da pesquisa; em sua continuação, executar a ação (em forma de formação, oficina, cursos, etc.); e, por fim, avaliar todo o processo ou os resultados da ação, na prática dos sujeitos envolvidos.

D.9 Pesquisa etnográfica

Caracteriza-se por estudar uma determinada população, com foco em suas aspirações, culturas, crenças e experiências. Há interação entre o pesquisador e o grupo. É um estudo processual, não se preocupando com resultados finais, e sim com experiências.

A pesquisa etnográfica descreve e analisa o que as pessoas de um lugar ou contexto determinado fazem habitualmente, bem como os significados que dão a esse comportamento e as circunstâncias que as envolvem. Esse estudo envolve vários elementos culturais, tais como: linguagem; estruturas sociais, política, econômica, educacional e religiosa; valores e crenças; rituais e mitos, entre outros (COLLADO, LUCIO E SAMPIERI, 2013).

Gil (2008) relaciona a pesquisa etnográfica com a etnometodologia e fenomenologia, ao destacar que as crenças e os comportamentos do senso comum, são constituintes necessários de todo comportamento socialmente organizado e investigado nesse tipo de estudo.

D.10 Pesquisa metodológica

Tipo de estudo que visa, por meio de uma metodologia específica, elaborar, criar, inventar e validar instrumentos de tecnologia leve (cartilhas, jogos, aplicativos, etc.). O estudo em si é o caminho para a validação de algo.

Esse tipo de estudo, de acordo com Polit e Beck (2019), é realizado em três momentos: construção, validação de conteúdo, aparência e avaliação da usabilidade da tecnologia educativa com o público-alvo.

É utilizado quando se pretende elaborar novos produtos ou aperfeiçoar os já existentes, mediante a necessidade de resolver um problema específico. Esse tipo de estudo utiliza os conhecimentos provenientes da pesquisa básica para a construção de produtos a serem aplicados na prática (POLIT; BECK, 2019).

Consiste em construir e desenvolver softwares e/ou outras estratégias tecnológicas que possam ser utilizadas no ambiente educacional ou assistencial (POLIT; BECK, 2019). Visa construir, melhorar ou validar um instrumento de medida, ou desenvolver uma nova intervenção.

Moresi (2003) refere-se à pesquisa metodológica como estudo destinado a elaborar instrumentos de captação ou de manipulação da realidade. Desse modo, está relacionada a procedimento para atingir determinado fim, como validação de instrumento – cartilha, aplicativo, jogo, etc.

D.11 Pesquisa de história de vida, de história oral, biográfica ou autobiografia

Estudo que se volta para a biografia de uma personalidade, considerando os contextos históricos do local onde vive (vivia) o sujeito principal da pesquisa, seus feitos, decisões e legados. Considera, relatos do próprio sujeito e de

outras pessoas, aliadas ou opositoras, para o entendimento do biografado.

Biografias, histórias de vida e autobiografias são três gêneros distintos que em comum, têm o fato de serem baseados na sequência de vida individual, biográfica. Uma autobiografia consiste na narrativa da própria existência. A história de vida, por sua vez, é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete. Já a biografia se define como a história de um indivíduo, redigida por outro (PEREIRA, 2000).

A história oralizada, como uma das possibilidades metodológicas, vem cada vez mais conquistando espaço nos estudos acadêmicos, por compreender a importância das narrativas orais para o processo de interpretação da história, pois, como afirma Burke (1991), a história também se entende e se faz mediante novos objetos, problemas, abordagens e documentos. Corroborando com essa ideia, Fialho, Vasconcelos e Xavier (2018, p. 58) apontam que o uso da história oral tem sido um dos recursos metodológicos indispensáveis nas produções das pesquisas históricas e de outros segmentos do gênero.

A história oral como metodologia se ampara em narrativas dependentes da memória e funciona como um complemento na ausência das chamadas fontes primárias (FIALHO, 2020).

E Quanto ao tempo da pesquisa

E.1 Pesquisa longitudinal

Realiza sua coleta em tempos distintos, como, por exemplo, em um estudo com vacinas administradas em um grupo populacional em um determinado período e,

após dez anos, verifica se a vacina ainda é resolutiva. São mais demorados que os estudos transversais.

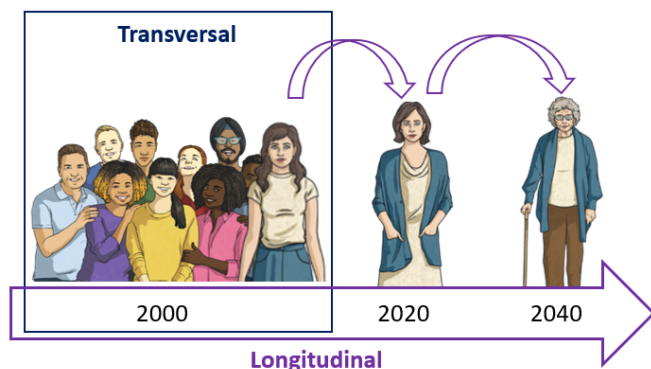
Em consonância com Collado, Lucio e Sampieri (2013), a pesquisa longitudinal leva o pesquisador a analisar mudanças ocorridas ao longo do tempo. Esse estudo coleta os dados em períodos para realizar interferências sobre mudanças, seus determinantes e suas consequências.

E.2 Pesquisa transversal

Diferentemente do estudo longitudinal, aqui a coleta é realizada de uma só vez, que pode ser em um período de dias ou meses. Não há a necessidade de se fazer uma coleta e, após depois de longo período, realizar outra para comparação. Possui como objetivo analisar situações apresentadas no momento.

Como embasam Collado, Lucio e Sampieri (2013), a pesquisa transversal coleta dados em um só momento, um único tempo. Tem como objetivo descrever variáveis e analisar a incidência e inter-relação em um momento determinado.

Figura 9: Estudos transversais e longitudinais



Fonte: Google Imagens (2023).

F Concluindo: Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)

Enfim, existem diversos tipos de pesquisas para a conclusão de um curso, também denominadas Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nesse caso, monografia, dissertação e tese.

A monografia é o estudo de um assunto específico; etimologicamente, vem do grego '*monos*', que significa 'única', e '*graphein*', que quer dizer 'escrita'. Em uma monografia, exigida na graduação ou na pós-graduação *lato sensu* – especialização, geralmente o aluno apresenta autores e discute um determinado tema.

Na dissertação, exigida para a conclusão de um mestrado, além do já citado, faz-se necessário apresentar estudos relacionados ao tema estudado, outros estudos semelhantes, justificar escolhas e também opinar. Em muitos cursos de mestrado, cobra-se um produto técnico, fruto das discussões obtidas nos resultados e discussões da escrita.

Em suma, na tese de doutorado, além do explicitado até aqui (tudo vai se acumulando), o aluno deve recomendar, sugerir, criticar e apresentar um elemento inédito relativo ao tema pesquisado. O próprio termo tese, do latim '*thesis*', se refere a uma proposição teórica, posição, opinião ou conclusão sustentada com fundamentos. A tese é uma afirmação de veracidade argumentada ou justificada cuja legitimidade depende de cada âmbito, ou da situação. O oposto ou negação da tese, a ideia que contraria a tese, se chama antítese, e na reflexão do combate entre a tese e antítese surge a síntese, que é uma conclusão a partir da reflexão.

III ELEMENTOS DE UM PROJETO: PRÉ-TEXTUAIS, TEXTUAIS E PÓS-TEXTUAIS

"Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses."

Sócrates

Todo projeto de monografia, dissertação de mestrado ou tese de doutorado possui três grandes partes, a saber: os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais. Os elementos pré-textuais, ou seja, antes do texto propriamente dito, apresentam partes obrigatórias e não obrigatórias.

São compostos inicialmente por três partes obrigatórias:

- Capa (identificação do autor do trabalho, a instituição de ensino, a área/curso de formação, o título, local e data);
- Contracapa ou folha de rosto (novamente informações de identificação do projeto – autor, título, instituição de ensino, área de formação e inclusão do nome do orientador), obrigatória em caso de defesa; no projeto não há necessidade;
- Folha de aprovação (nome do orientador, local e data da defesa em banca e o nome dos avaliadores com suas assinaturas), obrigatória em caso de defesa; no projeto não há necessidade.

O programa ou a instituição onde você vai realizar o curso com certeza deve possuir um manual com os modelos, apesar de todos terem que seguir as regras da Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT).

Após a folha de aprovação, surgem três partes não obrigatórias, mas que todos acabam inserindo em seus textos:

- Agradecimentos: o texto aqui apresentado deve ser institucional; assim sendo, deve conter os agradecimentos

para aquelas pessoas, locais ou instituições que colaboraram para a execução da pesquisa. Por exemplo: professores, orientador, participantes do estudo, bolsistas, secretário, auxiliares, estatísticos, revisores, responsáveis pelos locais/cenários onde foram realizadas as coletas de dados, laboratórios, instituição formadora ou executora, programa de pós-graduação, entre outros;

- Dedicatória: esse espaço deve ser dedicado a um texto de caráter pessoal, oferecido às pessoas mais ligadas ao círculo íntimo do autor, no caso, esposa, marido, parceiro (a), filhos, netos, pais, avós ou outros familiares, além de amigos, sejam vivos ou em memória daqueles que já se foram;
- Epígrafe: deve conter uma mensagem, texto bíblico, uma frase de algum autor, um trecho de uma letra de música, um poema ou uma poesia, enfim, tudo pode se tornar uma epígrafe; apenas se deve ter cuidado de relacionar o texto escolhido com o tema da pesquisa, ou que, ao menos, reflita um estado de espírito do pesquisador durante o período da escrita da dissertação/tese.

Após essas três partes não obrigatórias, surge o resumo: elemento obrigatório, deve conter uma pequena introdução ao tema, depois a apresentação do objetivo geral, seguido dos tópicos principais da metodologia (abordagem, tipo de estudo, cenário, participantes, coleta e análise de dados). Se for um projeto, o texto do resumo se encerra aqui. Caso seja a dissertação ou tese, ainda devem ser incluídos os principais resultados e conclusões do estudo. A escrita não deve conter parágrafos e apresentar espaço entre linhas. Ao final, escreva as palavras-chave ou os descritores da pesquisa.

As palavras-chave do resumo são termos simples que reproduzem os objetos de estudo do pesquisador. A escolha também pode ser feita por descritores, em vez de palavras-chave; neste caso, busque bases de dados como a

Scopus, Web of Science, Pub Med e Eric para selecioná-los. Descritores são termos específicos; definidos por experts na área para identificar assuntos publicados, gerando padronização dos termos utilizados pelos estudiosos. Segue um sítio que pode ajudar: Descritores em Ciências da Saúde (DECS): <https://decs.bvsalud.org/>

Após o resumo, surge o Abstract: elemento obrigatório. É a tradução para o inglês do resumo elaborado, tal como citado. Em algumas instituições, podem ser solicitados em outros idiomas.

Em seguida vêm as listas, não obrigatórias; podem ser apresentadas: abreviaturas, ilustrações, quadros, tabelas, siglas (com seus significados e nomes completos, por extenso) e símbolos.

Na sequência, há o sumário (lista com a indicação da localização das páginas dos capítulos e subcapítulos), obrigatório e última parte dos elementos pré-textuais.

Os elementos textuais que iremos utilizar em nosso modelo de projeto (detalhados nos capítulos seguintes) são: introdução, objetivos, revisão de literatura/estudos relacionados e metodologia (se déssemos continuidade, iríamos incluir os resultados e discussões, além das considerações finais).

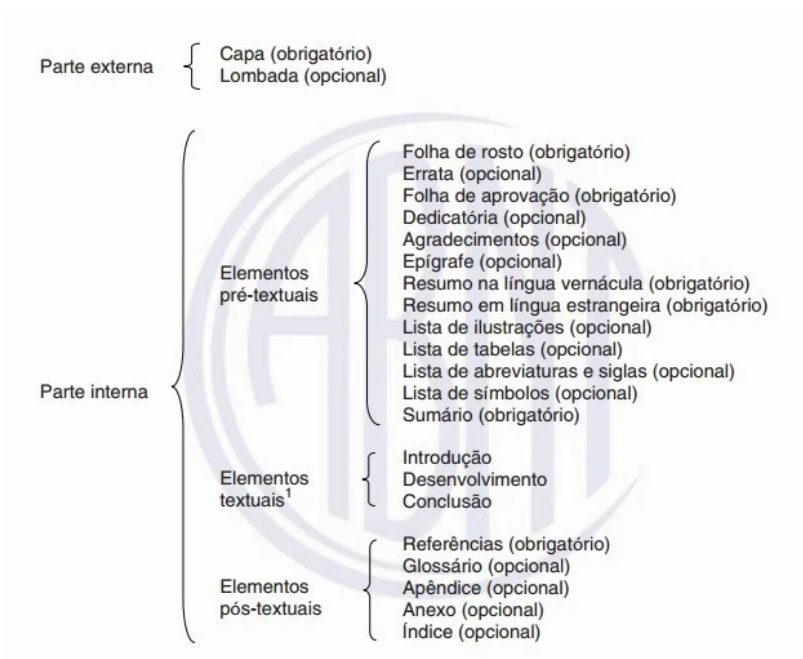
Por fim, os elementos pós-textuais são:

- As referências: tudo o que foi citado no seu texto deve aparecer aqui e tudo o que for referido nesta parte, deve aparecer como citação em seu projeto. Também se seguem as normas da ABNT para referendar as citações, mas isso basicamente inclui, nesta ordem: **sobrenome do autor**; nome e outros sobrenomes. **Título**. Local: editora, data;
- Anexos: são documentos, mapas, leis, questionários prontos, testes, etc., de outros autores que você copiou, citou e utilizou.–

- Apêndices: tudo aquilo que você criou, citou e utilizou: termos de consentimento, assentimento e anuência; roteiros de entrevista, questionário, observação, etc.;
- Glossário: parte opcional, utilizada quando há necessidade de explicar palavras que não possuem um significado de fácil entendimento. Palavras de outros idiomas também podem constar no glossário;
- Índice: também opcional, se refere a temas, assuntos, palavras ou trechos importantes do texto, indicando a página onde aparecem e auxiliando, assim, a pesquisa de assuntos e de temas específicos. Pode ser organizado por: autores, assuntos, títulos, pessoas e/ou entidades e citações.

De forma geral, a ABNT indica:

Figura 10: elementos pré, textuais e pós-textuais.



Fonte: <www.todamateria.com.br> (2023)

IV CONSTRUINDO UM PROJETO DE PESQUISA: TEMA, TÍTULO E INTRODUÇÃO - DIÁLOGO FICTÍ- CIO ENTRE SÓCRATES E PLATÃO!

"Só sei que nada sei."

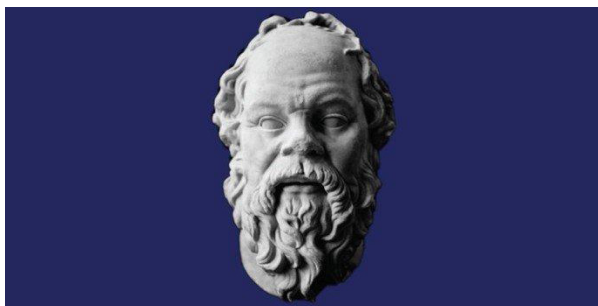
Sócrates

Aqui damos início à construção de um projeto fictício a ser utilizado como proposta-modelo, tal como citado na introdução. Ficção é um termo usado para discorrer acerca de uma narrativa imaginária, não real e que, geralmente, parte da imaginação de um autor. Em nosso caso, iremos recorrer a dois personagens: o professor Sócrates e seu orientando, Platão.

Para tanto, utilizaremos os diálogos entre os personagens e esses serão intercalados com explicações e conceitos necessários do autor da presente obra e de referências da área da pesquisa. Ao final de cada capítulo, a partir de agora, apresentaremos um 'esqueleto' de como vai se construindo o projeto de Platão, sob a orientação de Sócrates.

Sócrates, o verdadeiro, foi um filósofo nascido na Grécia (470 a.C.-399 a.C.), conhecido como o pai da filosofia. Representa o modo ocidental de pensar e refletir. Apesar de sua colaboração com a Filosofia, não deixou nenhum escrito formal.

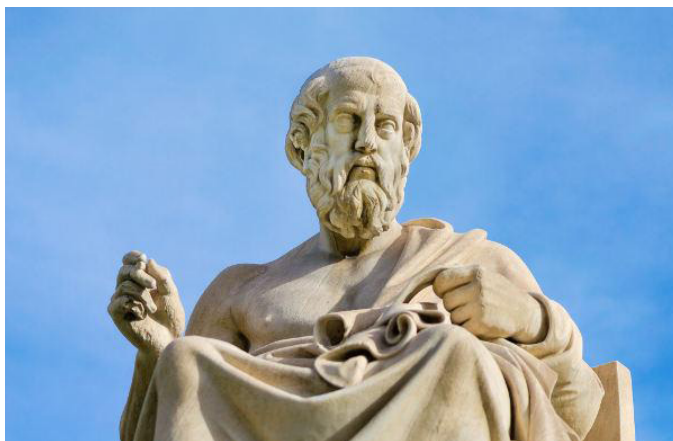
Figura 11: Sócrates



Fonte: Google Imagens (2023).

Platão foi discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles. Participou dos Jogos Olímpicos e da Guerra do Peloponeso, quando jovem. Conheceu Sócrates somente aos 30 anos, quando se iniciou na filosofia. Escreveu diversos textos, intitulados diálogos socráticos, nos quais o personagem principal era Sócrates. Em Atenas, fundou a sua *Akademia*, espécie de escola de filosofia.

Figura 12: Platão



Fonte: Google Imagens (2023)

Sócrates, aqui em nossa história fictícia, é um professor de um programa de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), que gosta de utilizar como metodologia de ensino a dialética socrática. Nesta, por meio de perguntas, faz com que seu aluno/orientando passe a refletir sobre um determinado assunto.

Platão, em nossa ficção, possui formação em medicina e pedagogia, é mestre e, atualmente, doutorando de uma universidade pública. Sonha em trabalhar como médico auxiliando os mais necessitados, porém, também deseja lecionar. Possui vocação para o ensino médico e já teve experiências negativas em se tratando de orientação

de Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação e na pós-graduação *lato sensu*.

No modelo de projeto aqui proposto, a pesquisa se inicia com quatro pontos de partida, todos extremamente importantes:

- a) Escolha do tema e sua delimitação;
- b) Elaboração do título;
- c) Seleção do objeto de estudo; e, por fim,
- d) A formulação da pergunta norteadora principal.

Segue o diálogo inicial entre Sócrates e Platão, nossos personagens, quando se encontraram para dar início ao processo de orientação.

Sócrates: Inicialmente, preciso que pense em um tema.

Platão: Espetacular mestre, que tal formação de professores?

Sócrates: Mas, formação para qual categoria de professores?

Platão: Professores médicos.

Sócrates: Excelente. Então, temos como tema escolhido: formação de professores médicos. Mais especificamente, sugiro formação pedagógica.

O diálogo exposto mostra a construção do tema e sua delimitação, que diferem do título. O tema é o assunto proposto para a discussão e possui uma característica mais abrangente, pois, é visto de forma global. É o assunto que você irá explorar no seu trabalho. Ao delimitarmos esse assunto/tema, tratando de especificidades, estamos nos

restringindo somente àquele lugar, característica, situação ou grupo. Esse, portanto, caracteriza o título.

Na escolha do tema, considere a capacidade de compreensão dele, sua formação e relação com o campo a ser estudado, experiências/vivências na área, conhecimentos anteriores, relevância e merecimento de se pesquisar o assunto, além de recursos, material bibliográfico e tempo para tal estudo.

A conversa sobre o tema e a busca do título continuam:

Sócrates: Muito bem! Porém, professores de onde, de qual curso?

Platão: Sábio guru, gostaria de ter, como possível cenário, o curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Sócrates: Acredito que estamos chegando ao título. Todavia, Platão, formação de professores engloba muita coisa, o que pretende especificamente?

Platão: Gostaria de estudar a formação pedagógica, ou seja, como esses médicos se tornaram professores, sua trajetória pedagógica, entende?

Sócrates: Huuum... formação pedagógica de professores médicos... esse é seu tema. Já o título precisa delimitar o grupo ou local. Que tal: "A formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade pública no Ceará"?

Platão: Ótimo! Professor, você parece até um filósofo!

Um bom título obviamente deve refletir o tema já delimitado e ser conciso. É preciso ser atraente também. Lembre-se de que o título vai se moldando, se transformando, sem perder sua essência. Depois que escrever a primeira versão, confira se há palavras que possam ser excluídas, acrescente dados como o que está pesquisando, onde, em quê, com quem ou quando, e, por fim, não esqueça que o título deve ser curto (no máximo 11 palavras, exceto artigos definidos, indefinidos e preposições – consenso entre os orientadores) e de forte impacto.

Sócrates: Pensando melhor, vamos fazer alguns cortes e uma inclusão importante. “Formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade no Ceará: um estudo de caso” (10 palavras). Pronto. Assim, anunciamos, já no título, nosso tipo de estudo.

Figura 13: Tema e título

TEMA E TÍTULO NÃO SÃO A MESMA COISA

A diferença é simples. Mas, muita gente ainda confunde os dois conceitos (tema e título). Eles estão intrinsecamente relacionados, um influencia o outro. Vamos ver cada um deles.

- **TEMA:** assunto a ser trabalhado, investigado. Termo que faz menção direta ao assunto a ser explorado. Representa de fato o que está sendo investigado.
- **TÍTULO:** representa a chamada para o assunto abordado, original e desafiadora.

TEMA: Multiletramentos

TÍTULO: Análise dos multiletramentos em uma sequência didática em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental em Belém do Pará

EXEMPLIFICANDO



AGENDA
acadêmica

Fonte: Agenda Acadêmica (2023).

A partir da escolha do tema e do título, podemos encontrar os objetos de estudo da pesquisa. No caso da proposta de Platão, seriam: formação de professores, formação pedagógica e formação médica. O objeto de estudo é intrínseco à temática. É o eixo central, ou eixos centrais, que devem ser pesquisados e estudados. É o foco do estudo, insere-se na área a ser analisada ou investigada. Assim, um objeto de estudo deve responder às seguintes questões: o que pesquisar e o que estudar para entender o assunto do projeto?

Sócrates: Muito bem! Meu querido aluno. Já temos o tema, título e objeto de estudo, agora precisamos de uma pergunta: a questão da atividade investigativa!

Platão: Mestre, de onde devo retirar essa pergunta?

Como todos sabemos, desde as aulas de Metodologia da Pesquisa, na graduação, toda pesquisa começa com um problema, pergunta, questão ou indagação, portanto, sua formulação é a base de qualquer estudo ou projeto de pesquisa. As perguntas são situações que requerem uma solução e necessitam ter ligação com o fenômeno específico que será pesquisado. Sua apresentação em formato de uma questão se relaciona para com a finalidade de uma pesquisa, que é solucionar algo; assim, o que se pesquisou supõe uma pergunta a ser respondida. Em nosso modelo de projeto, a pergunta se origina, inicialmente do tema e de sua delimitação e, depois, principalmente do título. A relação título, pergunta e objetivo geral, tratada neste livro como a 'trinca sagrada', ainda será tema de debate, um pouco mais adiante mais à frente.

Sócrates: Vamos lembrar o título: “Formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade no Ceará: um estudo de caso”. Pronto, a partir dele, vamos pensar em nossa pergunta.

Platão: Seguindo sua ideia, inspirado professor, sugiro: “Qual a formação pedagógica de professores médicos que atuam no curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará?”

Sócrates: Excelente. Está como deve ser, concisa e direta. Porém, saiba que, mais adiante mais à frente, teremos que elaborar as perguntas secundárias. Essa que você elaborou está muito bem relacionada com o título e deve estar também ligada ao objetivo geral, que também discutiremos no avançar do projeto.

Figura 14: Pergunta/Problema da pesquisa

COMO ENCONTRAR UM BOM PROBLEMA DE PESQUISA

Siga os passos a seguir para encontrar um excelente problema de pesquisa

Passo 1. Leia bastante!

Leia periódicos acadêmicos (periódicos) com o Qualis elevado a fim de entender o que se tem pesquisado recentemente sobre o tema.

Passo 2. Questione o que lê

Não leia passivamente. Anote as dúvidas, inquietações e pontos de crítica ou de interesse que o texto traz.

Passo 3. Organize suas ideias

Após ler vários textos e destacar as questões que te atraíram, é hora de estabelecer conexões entre uma ideia e outra.

Passo 4. Que pergunta você quer responder?

Escreva várias perguntas que você gostaria de responder a partir do que leu. Depois, escolha a mais importante para você. É o seu problema de pesquisa.

Lembretes:

- Use mapa mental ou faça um brainstorm para ter novas ideias e entender as relações entre elas.
- Seja específico!! O problema de pesquisa deve ser o mais exclusivo possível.

 dr.fabioportela

Fonte: <<https://pesquisajuridica.blog.br/o-problema-de-pesquisa-perfeito/>> (2023).

Até o momento, nossos dois amigos já possuem o tema, título e objeto de estudo, bem como a pergunta principal do projeto de pesquisa. Dessa forma, já podem dar início à introdução.

Não só a introdução, mas todo o texto, de forma geral, deve vir justificado, com fonte *Times New Roman* ou *Arial*, tamanho 12 (exceto em partes específicas) e espaço entrelinhas de 1,5. Escolha a primeira pessoa do plural ou o formato indefinido e siga todo o texto sem alteração; padronize tudo. Nas citações dentro de parênteses, o nome dos autores deve se apresentar em maiúsculo e, quando for no próprio parágrafo, somente a inicial é maiúscula. Por exemplo: quando citado no início ou no meio da frase, seguida da citação, deve vir somente com a inicial maiúscula, Ferreira (2023), podendo ser acrescido à página no caso de citação direta. Quando o autor é colocado após a citação, deve ser escrito todo em maiúscula (FERREIRA, 2023).

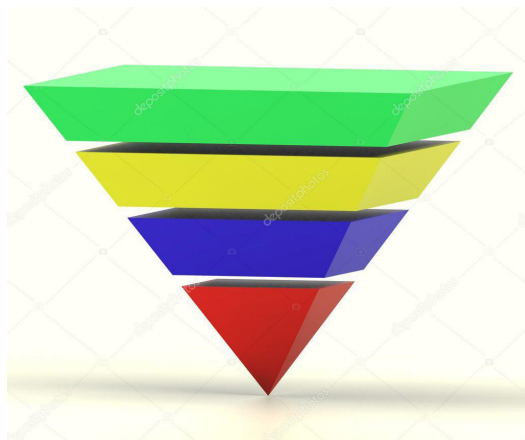
A introdução deve conter elementos que levem o leitor ao entendimento da problematização ou contextualização do tema, dos objetos de estudo, dos motivos/justificativas da escrita do projeto, da sua relevância, dos problemas e suas hipóteses ou seus pressupostos, da tese a ser defendida (no caso de uma tese de doutorado), dos principais referenciais teóricos e uma apresentação do texto que virá na sequência.

Inicie a introdução com um texto que trate da problematização do tema escolhido, comentando a grande área, e vá delimitando até chegar aos seus objetos de estudo. Faça como se fosse uma pirâmide inversa, comece o texto envolvendo o assunto de forma mais ampla, até chegar à delimitação máxima dele. Lembre-se de que cada final de parágrafo (ou partes – composição de mais de um parágrafo que trata o mesmo tema) deve ter uma ligação com o texto seguinte. É importante que se inicie o parágrafo

fo com o tema abordado e que, ao concluí-lo, se anuncie o tema a ser continuado no parágrafo seguinte. Chamamos isso de palavras de junção de parágrafos (ou partes).

Por exemplo, em sua introdução, no parágrafo inicial, Platão vai começar descrevendo o conceito de saúde e deve terminar apontando que existem diversas profissões de saúde. No parágrafo seguinte (ou parte seguinte), deve iniciar com a discussão das profissões e terminar afirmando que, entre tantas profissões, a medicina se encontra naquele rol. Dando sequência, no parágrafo posterior se inicia o debate sobre medicina, que deve ser concluído com o tema, formação médica. Depois, inicie um novo parágrafo com formação médica e assim por diante. Conseguiu entender a ideia?

Figura 15: Pirâmide invertida - parte inicial da introdução



Fonte: Google Imagens (2023).

Sócrates: Vamos iniciar nossa introdução. Faça como se fosse uma redação, do tema mais geral até o específico. Como você vai pesquisar sobre a formação pedagógica de professores mé-

dicos, de que forma vai começar a introdução?

Platão: Começaria escrevendo sobre saúde, seu conceito e percurso histórico do entendimento de saúde pela humanidade. Mas depois?

Sócrates: Cite que existem diversas profissões na área da saúde (descreva-as inclusive); uma delas é a medicina. Depois, disserte sobre medicina. Já falei muito, prossiga.

Platão: Em seguida, poderia escrever sobre medicina, falar da formação médica e que não há formação pedagógica na matriz dos cursos dessa ciência. O que achou, perfeccionista orientador?

Sócrates: Isso mesmo! Estou orgulhoso de você. É um excelente início de introdução.

Observe que o início da introdução do projeto de Platão vai ser composto por parágrafos que partem do tema mais amplo para o mais específico: saúde (conceitos) – profissões da saúde – medicina – formação médica – ausência da formação pedagógica. Vale reforçar que um parágrafo de uma dissertação/tese com menos de três linhas revela dificuldade de escrita do autor. Nunca faça menos que isso! Assim sendo, Platão teria até agora escrito, no mínimo, cinco parágrafos ou quinze linhas.

Porém, cada parágrafo pode se transformar e se duplicar ou até triplicar. Observe que o primeiro parágrafo de Platão dificilmente será escrito em somente um trecho (ou um parágrafo). Ao abordar o tema saúde, ele deve conceituá-la e depois trazer um pouco da história do entendi-

mento do termo pela humanidade, o que deve ser transportado para outro parágrafo. O mesmo será feito ao tratar de medicina. Assim, os parágrafos introdutórios vão crescendo.

Não esqueça a ideia de pirâmide invertida. Do tema amplo para o específico. Em forma de parágrafos. Tal texto inicial da introdução também é entendido por muitos autores como problematização ou contextualização. Prefiro denominar de pirâmide invertida ou parágrafos introdutórios. Evite informações desconexas ou sem relação com o tema. Não seja prolixo.

Na verdade, essa parte da introdução refere-se a promover o entendimento sobre o tema escolhido para a pesquisa, com a finalidade de para explicá-lo em forma de texto e atrair o leitor para o assunto tratado. Vale lembrar: leia muito sobre o tema, pois, quanto mais base teórica você tiver, mais consistente será sua escrita dos parágrafos introdutórios, pirâmide invertida, contextualização ou problematização, como queira chamar.

Ao concluir essa parte inicial e não tendo mais como ultrapassar o vértice (ou ápice, pico) da pirâmide invertida, é chegada então a hora de anunciar os objetos de estudo. Sócrates e Platão já haviam debatido esses elementos, classificados da seguinte maneira: formação de professores, formação pedagógica e formação médica. Nesse parágrafo, além de citar os objetos, você também pode conceituar cada um deles e, inclusive, explicar o significado de objeto de estudo.

Continuando o texto da introdução (já foram escritos por Platão os parágrafos introdutórios, ou a pirâmide inversa) e os objetos de estudo, agora se faz necessário trazer as justificativas (que são quatro) do estudo.

Sócrates: Muito bem! Platão, estou gostando da escrita. Agora vamos pensar nas justificativas. Começando pela primeira, a justificativa pessoal. Por quais motivos desejou escrever essa pesquisa com esse tema?

Platão: Poxa! Iluminado professor, não havia pensado nisso. Preciso mesmo escrever isso?

Sócrates: Não me decepcione! Claro que sim. Vou te ajudar: pense em uma história sua, como chegou até aqui? Por qual motivo estudar a formação pedagógica de professores médicos?

Platão: Compreendi, amado mestre. Fui aluno no curso de medicina e pude observar que meus professores médicos não possuíam trato pedagógico com os alunos e os conteúdos. Depois, já formado, fui convidado para ministrar aulas em uma faculdade e percebi que não tinha formação pedagógica alguma. Fui até fazer um curso de pedagogia para aprender a ser professor. Acredito que isso me motivou a estudar o que estamos propondo nesta pesquisa.

Sócrates: Viu?! Isso que narrou é a sua justificativa pessoal. Agora, coloque isso no papel, escreva e dê continuidade à introdução.

O diálogo explicita a justificativa pessoal de Platão. Tal justificativa é entendida como as motivações pessoais que levam um autor a pesquisar um determinado tema. É o trecho da introdução do projeto de pesquisa em que se fundamentam os motivos para a realização daquele estu-

do. Entretanto, se para uma monografia de graduação essa justificativa basta, para um projeto de dissertação ou de tese ela necessita de outros apoios, no caso as justificativas pedagógica, científica e político-social.

Sócrates: Certo, Platão, após a escrita da justificativa pessoal, preciso que escreva a justificativa científica.

Platão: Desculpe minha ignorância, contemplado docente, mas o que é isso?

Sócrates: Na verdade, é uma justificativa que se ampara em uma busca, em sítios de dados específicos, por artigos, dissertações e teses que porventura possam tratar de assunto similar ao seu, daí o nome 'justificativa científica', já neste momento em que se volta para estudos, que já geraram conhecimento, ou seja, ciência.

Platão: E como farei isso?

Uma justificativa científica deve apresentar, de forma resumida, o percurso de uma busca sobre textos que tratam do mesmo assunto do projeto proposto. Inicialmente, escolha os sítios de busca, que podem ser de bases específicas de cada área até sítios de bibliotecas de universidades. Busque artigos, dissertações ou teses. Cite o termo que digitou para a busca. Se encontrar muitos estudos, faça um refinamento, por exemplo: a busca será realizada somente com estudos do Nordeste, ou do Ceará, ou até da cidade de Fortaleza (pois, a pesquisa de Platão será nesse cenário). É importante inserir uma nota de rodapé lembrando ao leitor que essa busca vai ser detalhada poste-

riormente, no capítulo da revisão de literatura, na seção Estudos Relacionados.

Por exemplo, Platão buscou nos sítios das bibliotecas de universidades cearenses que ofereciam o curso de medicina, já que o cenário da pesquisa seria nesse estado. Aprendeu com seu professor que deveria inserir os termos conectados aos seus objetos de estudo e escolher o período (em seu caso, foram os últimos cinco anos). Assim, selecionou somente textos em português e com o resumo disponível (critérios de inclusão e exclusão da busca). Pode perceber apenas dois estudos que tratavam de temas que se aproximavam do seu. Desta feita, justificou cientificamente seu trabalho pela escassez de pesquisas, pois, apenas dois estudos similares à sua proposta, porém, não iguais, foram encontrados.

Sócrates: Agora, feitas as justificativas pessoal e científica, vamos tratar das outras duas, a justificativa pedagógica e também a político-social.

Platão: Sábio guru, também não tenho ideia de como fazer isso.

Sócrates: a justificativa pedagógica é a mais fácil de todas. Acesse o sítio do programa stricto sensu de que faz parte e faça um texto tendo como referência a missão do programa, os objetivos, o eixo central da linha ou núcleo de estudo.

A justificativa pedagógica consiste numa explicação fundamentada dos motivos que fundamentam a implementação do projeto, considerando os objetivos do mestrado/doutorado cursado.

Sócrates: Agora, para a justificativa política, é necessário que você busque alguma política que se coadune com sua proposta de pesquisa. Como você, Platão, vai tratar de formação de professores e há uma política nacional sobre esse assunto, o enredo está pronto, basta escrever o parágrafo.

Platão: Perfeito, ó determinante orientador.

A justificativa política deve apresentar a relação entre o tema proposto na pesquisa e preocupações de caráter político-social, seja através de políticas já fomentadas ou apresentando sua adesão aderência a questões sociais.

Até o momento, Platão avançou em seu projeto, escreveu os parágrafos introdutórios, os objetos de estudo e as justificativas. O próximo elemento, importantíssimo, é a relevância da pesquisa, ou seja, para quem o estudo é importante? Para que categorias de profissionais, qual ciência, que grupo de pessoas, qual instituição? Quais as razões? Qual sua contribuição para a sociedade?

Caso exista a possibilidade, busque dados concretos para mostrar a relevância do seu estudo e apresente fontes confiáveis que citam a necessidade de realizar pesquisas como a que você propõe. Isso é a sua relevância teórica.

Sócrates: E a relevância, já pensou no que vai escrever nesse parágrafo (parte)?

Platão: Sim, elevado docente, irei citar um estudo de doutorado que afirma a necessidade de novos estudos sobre o nosso tema e também vou apresentar a importância da pesquisa para a melhoria da qualidade do ensino da me-

dicina no cenário em que aplicaremos o trabalho de campo.

Sócrates: Estamos indo muito bem. Todavia, necessitaremos agora escrever no texto a pergunta principal da pesquisa. Já fizemos isso no início da orientação, lembra? Ficou assim: “Qual a formação pedagógica de professores médicos que atuam no curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará?” Quanto a isso, não temos mais dúvida. Todavia, a partir dessa pergunta, temos que realizar as perguntas secundárias.

Após o parágrafo no qual é apresentada a pergunta norteadora da atividade investigativa (a pergunta prima, primordial, primeira, principal, norteadora), faz-se necessário escrever as perguntas secundárias, que devem ser retiradas dos objetivos específicos que, por sua vez, possuem relações diretas com o processo da coleta de dados.

Nesse momento da escrita da introdução, nesse trecho, há que se parar e pensar: o que quero fazer, como, onde e com quem? Por exemplo, Platão quer, inicialmente, identificar o perfil de experiência e formação pedagógica dos envolvidos. Para isso tem que fazer a relação com o que quer, com a pergunta e com a coleta de dados. Pensa Platão: *“Se quero identificar o perfil de experiência e formação pedagógica dos envolvidos, então posso perguntar: qual o perfil dos participantes, quanto à sua experiência de formação pedagógica? E, para coletar esse dado, vou aplicar um questionário?”.*

A partir dessa estratégia, Platão consegue lançar sua primeira pergunta secundária, que se relaciona com seu primeiro objetivo específico, que, por sua vez, possui relação com a primeira fase da coleta de dados. Lembro que

ainda não estamos na seção dos objetivos, muito menos na de coleta de dados; porém, esse exercício se faz importante para a criação das perguntas secundárias. Platão faz isso para às três perguntas secundárias que vai lançar em sua pesquisa, veja:

Platão: Entendi mestre, vou fazer perguntas secundárias: a) Qual o perfil do participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica?; b) Como os participantes compreendem sua trajetória docente (como se tornaram tornaram-se professores)?; c) Como os Currículos Lattes dos sujeitos se apresentam no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino e aprendizagem?

Observe que, assim como já explicamos na formulação da pergunta secundária inicial, as outras duas devem passar pelo mesmo processo. Certamente Platão pensou: quero saber como os participantes compreendem sua trajetória docente (como se tornaram professores), e, para isso, preciso de um objetivo específico voltado a compreender, na fala dos envolvidos, como percebem sua trajetória docente. Nesse sentido, utilizarei uma entrevista.

Já para a última pergunta secundária, refletiu Platão: se desejo entender como os Currículos Lattes dos sujeitos se apresentam, no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem, preciso transformar isso também em outro objetivo específico, que seria analisar os currículos dos sujeitos (no que se refere a...) e que teria como coleta de dados uma busca documental.

Sócrates: Que interessante, estou muito feliz com essa jornada. Agora devemos continuar. O momento agora é de responder às suas perguntas, no caso, apresentar suas hipóteses (na pesquisa quantitativa) ou pressupostos (na pesquisa quantitativa).

Platão: Inspirado guia, como vou responder a algo se ainda não pesquisei, não dei início à pesquisa?

Sócrates: Antes de responder, sua pesquisa segue que tipo de conhecimento?

Platão: Científico, creio eu, pois, há de existir um método.

Sócrates: Sim, claro, mas o conhecimento empírico?

Platão: Esse descarto, amado orientador, não vou utilizar no estudo.

Sócrates: Meu caro aluno, você está cometendo um erro, pois, para responder às perguntas que você lançou, no seu caso, os pressupostos da pesquisa, você terá que recorrer ao conhecimento empírico. Para respondê-las, você terá que citar o que já ouviu falar, viu ou leu anteriormente. As respostas serão baseadas na sua experiência prévia, empírica.

Pressuposto, ou hipótese, é aquilo que se supõe ou pressupõe antecipadamente. É uma conjectura, uma suposição ou o conjunto delas, de natureza criativa e teórica, aceitas ou não, admissível ou provável, mas não compro-

vada ou demonstrada. É importante citar que os pressupostos/hipóteses da pesquisa serão rechaçados ou confirmados nas considerações finais do estudo.

Assim, Platão teve a seguinte tarefa: pensar em responder a cada pergunta que fez, levando em conta seu conhecimento empírico, mais especificamente realizando uma simples suposição para cada questão.

Platão: Pois bem, assim farei:

a) Para a pergunta, “qual o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica?”, vou citar que acredito que nenhum dos envolvidos tenha formação pedagógica e que são experientes no ato do ensino, porém sem formação adequada;

b) Já para o questionamento “como os participantes compreendem sua trajetória docente (como se tornaram professores)?”, vou explicar que os envolvidos, suponho, compreendem que se tornaram professores por meio de modelos que tiveram na sua formação, nada formal;

c) Por fim, para a dúvida “como os Currículos Lattes dos sujeitos se apresentam, no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino e aprendizagem?”, acredito que vou encontrar pouca coisa sobre o tema, quase nada.

Sócrates: Que maravilha! Parece que realmente entendeu o significado de pressuposto/hipótese.

Na sequência do texto introdutório, Platão deve, após anunciar suas questões e pressupostos, apresentar sua tese (somente para projetos de tese de doutorado). A tese se volta para a opinião do autor, o ponto de vista sobre o tema estudado. Pode ser revelada através por meio de afirmações ou negativas. O termo é oriundo do grego *thesis*, que significa proposição. É aquilo que você vai expor e defender em sua tese, com argumento, método e ciência. Na verdade, é um posicionamento crítico, que foge do senso comum. Deve ser crítico e reflexivo.

Sócrates: Pois bem, qual sua tese? O que defende, a partir do que pretende realizar?

Platão: Pensei muito e acredito ser: a formação de professores médicos é frágil, não há formação pedagógica na graduação e muito menos na pós-graduação na era da medicina, daí a necessidade de se realizar formações continuadas com docentes médicos que atuam como professores no ensino superior.

Sócrates: Palmas!

Após ter escrito seu parágrafo anunciando sua tese, Platão agora se direciona para as partes finais da introdução: um pequeno resumo da metodologia (que se apresenta como possibilidade de respostas às perguntas e confirmações ou não dos pressupostos/hipótese), os principais referenciais teóricos e a apresentação do texto pós-introdução.

Sócrates: Meu admirado orientando, agora comece a concluir sua introdu-

ção. Faltam basicamente três parágrafos (partes). No primeiro, de forma resumida, cite o que fará para responder às perguntas, ou seja, um estudo de caso, com professores médicos, no curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e que, para tanto, irá coletar dados por meio de questionário, entrevista e busca documental.

Platão: Entendido, oh, gigantesco líder deste processo.

Sócrates: No segundo, traga as principais referências teóricas de cada tema, ou melhor, de cada objeto de estudo, que são - formação de professores, formação pedagógica e formação médica. Lembre-se de trazer os clássicos, leis etc. Saiba também que os referenciais aqui citados são um compromisso; você deve utilizá-los em muitas partes do texto, afinal, são suas referências principais.

Platão: Captei vossa mensagem, gigantesco sábio.

Sócrates: Por fim, conclua a introdução com um parágrafo apresentando o que segue, ou seja, a seção dos objetivos, o capítulo da revisão de literatura ou referencial teórico e a metodologia (no projeto paramos por aí; no texto completo de uma dissertação ou tese, ainda teríamos os capítulos de resultados de discussão dos dados e as considerações finais).

Platão: Ufa!

Os parágrafos finais da introdução – resumo da metodologia, principais referenciais teóricos e apresentação do texto vindouro – são gentilezas ao leitor. Para encerrar este nosso capítulo, vamos ver como ficou o texto da introdução de Platão, ainda em forma de construção, com sugestões em itálico do orientador Sócrates:

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES MÉDICOS DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE NO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO
1 INTRODUÇÃO (Projeto de Platão. Os trechos em itálico são correções, sugestões e comentários do orientador Sócrates)
O termo saúde pode ser entendido como <i>(apresentar conceitos, história, linha do tempo dos termos e conceitos) ... concluir o parágrafo com: o campo da saúde é permeado por diversas profissões. Caso o parágrafo fique extenso, duplique ou triplique-o. Utilize autores para conceitos, datas, leis etc. Recorra a essas duas regras para todos os outros parágrafos a seguir.</i>
As profissões da área da saúde são <i>(cite todas, traga as leis que regulamentam o assunto) ... concluir o parágrafo com: e, entre elas, a medicina.</i>
A medicina é uma ciência que <i>(conceitos, história, leis) ... concluir o parágrafo com: e para atuar nesse campo, faz-se necessária a formação em medicina.</i>
A formação em medicina se volta para o saber científico e biológico <i>(escreva sobre a formação, suas raízes, como ocorre, quem legisla, que conteúdos são tratados)...</i> concluir o parágrafo com: todavia, se apresenta frágil, tal como preconiza Fulano (2008), no que se refere à formação pedagógica, ou seja, no trato do fazer relacionado ao ensino e aprendizagem.

A formação pedagógica se volta para *(explique o que é, quais são os principais conteúdos, do que se trata)* ... concluir o parágrafo com: e também deveria estar presente no ensino da medicina. *Acredito que aqui você encerra o ápice da pirâmide invertida, não há mais o que apresentar, ao menos aqui, na introdução. Você trouxe uma sequência lógica – saúde, profissões da saúde, medicina, formação médica e formação pedagógica, estes aspectos ligados aos objetos de estudo e tema proposto. Encerramos aqui a pirâmide inversa, problemática ou contextualização do tema.*

Desta feita, os **objetos de estudo** deste projeto de dissertação são: formação médica, de professores e pedagógica. Segundo Sicrano (2010), formação médica é aquela...; enquanto a formação de professores, como leciona Beltrano (2020), é compreendida como..., e, por fim, formação pedagógica, como explica Fulano (2021), é... *(explique cada um dos objetos com conceitos de autores clássicos da área)*. O objeto de estudo é considerado por Fulaninho (2019) como... *(aqui apresente o conceito de objeto de estudo e sua importância para um projeto de pesquisa)*.

A **justificativa pessoal** para a escolha do tema se deu pela minha³ experiência na seara da medicina (*insira uma nota de rodapé para avisar ao leitor de que usará a primeira pessoal do plural, em virtude se tratar de um trecho biográfico e, pessoal*). Fui aluno no curso de medicina e pude observar que meus professores, que eram médicos, não possuíam trato pedagógico com os alunos e com os conteúdos. Depois, já formado, fui convidado para ministrar aulas em uma faculdade e percebi que os docentes do colegiado do curso no qual atuava não possuíam formação pedagógica, inclusive eu, assim sendo, cursei pedagogia para aprender a ser professor. Acredito que isso me motivou a estudar o que estamos propondo nesta pesquisa (*por gentileza, insira mais um pouco de sal na história, sua passagem pela pós-graduação lato sensu, o mestrado, grupos de pesquisa, congressos... e explique que toda essa trajetória o levou a pesquisar o tema*).

Visto que a **justificativa científica** se amparou em uma busca realizada nos sítios das bibliotecas das universidades cearenses que ofereciam o curso de medicina, pois o cenário da pesquisa será nesse estado. Para tanto, foram inseridos os termos conectados aos objetos de estudo, selecionou-se o período dos últimos cinco anos e foram procurados somente textos em português e com o resumo disponível. Foram encontrados apenas dois estudos que tratavam de temas que se aproximavam da proposta desta pesquisa (*ainda aqui, justifique a escolha dos sítios de busca e o período, além disso cite os termos que utilizou*).

Como proposta de **justificativa política e social**, o projeto se insere na política nacional de formação de professores, já que... (*explique por qual motivo o seu estudo se insere na política selecionada, qual a relação entre ambos?*).

3 Nesse trecho do texto introdutório, será utilizada a primeira pessoa do singular, pois se trata de uma biografia do autor.

A missão e os objetivos propostos pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Curso de Doutorado em Educação, que apresenta como finalidade... e possui como eixo central o tema Formação de Professores... assim se revela como a **justificativa pedagógica** do presente projeto (*explique por qual motivo o seu estudo se insere nos objetivos do programa, qual a relação entre ambos?*).

O estudo pode ser **relevante**, pois, como citado no estudo de doutorado de Fulana (2018), novos estudos sobre o tema aqui proposto se fazem necessários e urgentes... da mesma forma, a pesquisa almeja contribuir com a melhoria da qualidade do ensino da medicina no cenário em que aplicaremos o trabalho de campo (*não esqueça de deixar bem clara a importância do estudo para a sociedade e para o grupo de pessoas ou profissionais e a instituição que estarão na pesquisa*).

A partir do exposto, formulou-se a seguinte **questão principal** da atividade investigativa:

Qual a formação pedagógica de professores médicos que atuam no curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará? Tal questão proporcionou novas interrogações, denominadas aqui **questões secundárias**, a saber:

a) Qual o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica? b) Como os participantes compreendem sua trajetória docente (como se tornaram professores)?

c) Como os Currículos Lattes dos sujeitos se apresentam no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino e aprendizagem? (*Aqui está perfeito! A relação entre a pergunta principal e o tema está ótima. Já as perguntas secundárias lembrem-se de que terão que possuir relação com os objetivos específicos e também com o processo de coleta de dados*).

a) Provavelmente nenhum dos envolvidos possui formação pedagógica, entretanto, são experientes no ato do ensino, porém, sem formação adequada;

b) Os envolvidos, suponho, compreendem que se tornaram professores através de modelos que tiveram na sua formação, nada formal;

c) Não serão encontradas, nos currículos dos participantes, atividades relacionadas ao tema formação pedagógicas. *(Aqui você apresentou pressupostos para cada pergunta secundária, mas e a resposta à pergunta – pressuposto – principal? Faça e a inclua no início do parágrafo, antes dos pressupostos relativos às perguntas secundárias).*

Para responder às perguntas lançadas e comprovar ou rechaçar os pressupostos, será realizada uma pesquisa do tipo estudo de caso, com professores médicos do curso de medicina da UECE e, para tanto, a coleta de dados será realizada por meio de questionário, entrevista e busca documental. *(Certo, parágrafo do resumo da metodologia bem resumido, sintetizado; entretanto, faltou incluir a abordagem da pesquisa, o processo de análise dos procedimentos éticos).*

Os **principais referenciais teóricos** do estudo, ao tratar dos temas, formação médica, de professores e pedagógica, serão, preferencialmente: fulano (2020; 2018; 2009) e Beltrano (2021, 2020, 1999), para tratar do primeiro tema; já Sicrano (2000, 1999), Moldano (2000) e Brasil (1996, 1998, 2000), se voltarão para as discussões do segundo tema proposto; e, por fim, José (2000), Mari (2002, 2005, 2008), Antônio (2010, 2015, 2020) e Pedro (2017, 2018, 2021), serão os autores primordiais na discussão do tema terceiro *(Excelente! Concordo com todos. Porém, essas inclusões são compromissos assumidos, não esqueça de utilizá-los por toda a escrita, da introdução à conclusão. Pode até utilizar outros autores, mas esses serão suas bússolas!)*.

V OBJETIVOS DA PESQUISA

"Sábio é aquele que conhece os limites da própria ignorância."

Sócrates

Neste capítulo⁴, trataremos da seção dois do projeto de Platão: os objetivos da pesquisa. Claro que você, caso deseje, pode já inseri-los no final da introdução, antes do parágrafo final de apresentação do texto seguinte do projeto. Para o modelo que estamos propondo, os objetivos aparecem em capítulo separado.

A formulação dos objetivos é um passo importante para o êxito na pesquisa. Segundo Minayo (2010), formular os objetivos permite que encontremos as respostas ao que pretendemos com a pesquisa, e, assim, atinjamos o que inicialmente determinamos alcançar ao final da investigação científica.

Segundo De acordo com os dicionários, objetivo pode ser um adjetivo ("Fulano é muito objetivo!") ou um substantivo ("Qual seu objetivo?") e significa a meta a ser atingida, o fim que se deseja alcançar ou o que é relativo ao objeto, que é concreto e existe independentemente do pensamento. Um objetivo é o que movimenta um sujeito a decidir ações e atingir suas aspirações.

Gonsalves (2001) afirma que os objetivos oportunizam indicações sobre os procedimentos do trabalho metodológico, uma vez que norteiam os métodos e as técnicas de pesquisa mais adequadas para serem utilizadas.

Na pesquisa científica, os objetivos se dividem, em geral e específicos. O geral trata de questões mais amplas, visando responder à pergunta principal, lançada na intro-

⁴ Este capítulo, originalmente escrito pelo Professor Dr. Heraldo Simões Ferreira, teve a colaboração posterior da Professora Dra. Thaydis Monte (IFCE/CE).

dução. Deve resumir e apresentar a ideia central do trabalho, descrevendo também a sua finalidade. É interessante perceber que o objetivo geral não nos dá uma ideia de como o trabalho será realizado de forma mais detalhada; isso é trabalho dos específicos, que trataremos mais adiante.

O objetivo geral se configura como o fim pretendido com a pesquisa, e, assim, para que se atinja esse objetivo geral, ele pode ser traçado com base nos objetivos específicos, que vão servir para nortear o direcionamento da ação do pesquisador de forma mais detalhada (ARAGÃO E NETA, 2017).

O objetivo geral não deve se estender, ser prolongado demais, nem tampouco recorrer a uma linguagem muito rebuscada. Ao ser apresentado de forma simples e direta, mais fácil será para o leitor compreender a finalidade do estudo.

A mudança na realidade com que o projeto pretende contribuir é uma das características do objetivo geral, que possui uma perspectiva de médio e longo prazos.

Não esqueça que o objetivo geral, obrigatoriamente, deve ter relação com a pergunta principal e o título ("trínca sagrada"). Outro ponto importante: se o estudo for qualitativo, utilize verbos subjetivos, interpretativos (analisar, interpretar, compreender, etc.). Caso seja quantitativo, recorra a verbos mais positivistas, diretos, objetivos (identificar, mensurar, apontar, citar, distinguir, mapear, etc.).

O objetivo geral dá uma ideia abstrata da pesquisa, dos métodos, dos caminhos do estudo; assim, evite oferecer ao leitor uma falsa esperança de explicar tudo no enunciado do texto desse objetivo. Evite adjetivos. Agora, um ponto relevante: deve conter e deixar de forma clara a finalidade e a delimitação.

Por exemplo, veja este objetivo geral de um estudo de mestrado: "Analisar a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação em sala de aula como método de ensino de professores de Educação Física em uma universidade pública". A finalidade é analisar a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação em sala de aula como método de ensino; enquanto a delimitação é: de professores de Educação Física em uma universidade pública. Faça esse exercício e, se seu objetivo apresentar essa forma, tenha certeza de que está no caminho correto.

Voltemos ao diálogo de Sócrates e Platão:

Sócrates: Platão, prezado amigo, terminamos, com muito afinho, a introdução. Agora vamos aos objetivos. Como você bem já sabe, o objetivo geral deve se alinhar à pergunta norteadora da pesquisa e ao título. Vamos relembra-los: título – Formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade no Ceará: um estudo de caso; pergunta geral - Qual a formação pedagógica de professores médicos que atuam no curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará? Pronto. Agora, por gentileza, elabore o objetivo geral.

Platão: Assim fica fácil, digníssimo filósofo. Sugiro: analisar a formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade no Ceará.

Sócrates: Fenomenal, meu jovem! Há finalidade e também delimitações claras. O verbo está ótimo, depois explicarei mais sobre essa questão. Avancemos, vamos aos específicos.

Figura 16: Objetivos



Fonte: profandreagarcia.files.wordpress.com (2023)

Os objetivos específicos são, de forma geral, uma apresentação de finalidades de forma mais detalhada das ideias do projeto. Não é possível definir os objetivos específicos de um projeto de pesquisa sem pensar nas perguntas secundárias e no processo de coleta de dados. Para cada objetivo específico, pode-se pensar num procedimento metodológico de coleta. Para isso, é necessário fazer um exercício de pensamento estratégico da pesquisa, imaginando como seria a fase da coleta, já que ainda não a escrevemos.

Sendo assim, os objetivos específicos retratam, na prática, a concretização direta das ações e atividades, apresentando-a de forma concreta e viável, respeitando assim o tempo disponível para a efetivação da pesquisa (GONSALVES, 2001).

Quando se sabe, ou se imagina, as fases da coleta, e como serão realizadas, fica mais fácil elaborar os objetivos específicos, pois, cada um deles é a metade de cada etapa do processo de pesquisa, sendo que todas essas devem

contribuir para se chegar a algum resultado, o objetivo geral.

Os objetivos específicos devem ser:

- a) Específicos (óbvio!) – não é algo genérico;
- b) Mensuráveis – quantificam os dados;
- c) Atingíveis – são passíveis de serem atingidos;
- d) Relevantes – importantes para o alcance do objetivo geral; e,
- e) Temporais – inseridos no tempo de realização do projeto.

Cuidado com a utilização de objetivos específicos externos à pesquisa. Por exemplo, em um estudo sobre como está a qualidade de vida de estudantes de ensino superior, um aluno insere como um de seus objetivos específicos: melhorar a qualidade de vida dos envolvidos. Ora, esse objetivo é inalcançável, pela pesquisa em si. O aluno vai aplicar questionários para saber como a qualidade de vida dos sujeitos está, se boa, regular ou ruim. Não cabe ao estudo melhorar a qualidade de vida de ninguém; isso os participantes terão que ter como meta pessoal, fora da pesquisa.

É importante ressaltar que alguns cursos de pós-graduação *stricto sensu*, tais como os mestrados profissionais, solicitam que o aluno também apresente um produto técnico oriundo dos resultados da dissertação ou da tese; já alguns cursos de doutorado também exigem esse produto. Nesse caso, um objetivo específico (o último da lista dos específicos) deve ser elaborado, utilizando um verbo de criação, tal como elaborar, produzir, propor ou criar, em seu enunciado.

Sócrates: Já refletiu acerca dos objetivos específicos? Lembre-se de que

surgem das perguntas secundárias, mas não é possível apresentá-los sem uma ideia das fases de coleta de dados, de como vai fazer para adquirir respostas.

Platão: Sim, reverendo doutor. Gostaria de lembrá-lo das perguntas secundárias:

a) Qual o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica?;

b) Como os participantes compreendem sua trajetória docente (como se tornaram professores)?;

c) Como os Currículos Lattes dos sujeitos se apresentam no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem?

Assim sendo, e fazendo a relação direta com as perguntas apresentadas, tal como me orientou, os objetivos específicos serão:

a) Identificar o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica;

b) Interpretar como os participantes compreendem sua trajetória docente;

c) Mapear os Currículos Lattes dos sujeitos, no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem.

Professor lembro que os específicos foram pensados considerando também a ideia que tenho de realizar três fases na coleta de dados.

Sócrates: Muito bem! Vejo que realmente há total relação entre seus objetivos específicos, as perguntas secundárias e a coleta de dados que está idealizando. Mas, você pode me explicar a escolha dos verbos?

O uso de verbos no infinitivo é uma maneira de tornar ainda mais claro o propósito do projeto, mais precisamente, verbos que terminem em: ar, er ou ir. Isso porque os verbos no infinitivo facilitam a compreensão da finalidade do trabalho.

Minayo (2010, p. 45) destaca que a escolha dos objetivos é muito importante para a execução da pesquisa, uma vez que eles "serão o guia para a escolha e construção dos métodos e instrumentos. Espera-se que o desenho metodológico viabilize a realização de cada um dos objetivos".

Em nosso modelo de escrita de um projeto, utilizamos a Taxonomia de Bloom revisada para justificar a utilização dos verbos. A ideia dessa proposta é organizar de forma hierárquica as possibilidades de intenção de aprendizagem. Por isso, os processos são cumulativos.

Para Ferraz e Belhot (2010, p. 431):

Todo desenvolvimento cognitivo deve seguir uma estrutura hierárquica para que, no momento oportuno, os discentes sejam capazes de aplicar e transferir, de forma multidisciplinar, um conhecimento adquirido. Entretanto, para que isso aconteça, o pla-

nejamento é essencial e precisa ser estruturado de forma coerente, seja em torno de objetivos bem definidos (gerais e específicos), da delimitação dos conteúdos, da escolha das estratégias e instrumentos de avaliação, ou seja, para "medir" o que foi aprendido e direcionar, de forma corretiva e formativa, todo processo educacional. A utilização de instrumentos que facilitem essa atividade é fundamental e nesse contexto a Taxonomia de Bloom tem colaborado significativamente, pois, é um instrumento de classificação de objetivos de aprendizagem de forma hierárquica (do mais simples para o mais complexo) que pode ser utilizado para estruturar, organizar e planejar disciplinas, cursos ou módulos instrucionais.

A taxonomia é um sistema que ordena e classifica o aprendizado dos alunos. Esse instrumento é resultado do trabalho de uma equipe multidisciplinar liderada pelo psicólogo e pedagogo Benjamin Bloom, na década de 1950. Bloom, doutor em Educação pela Universidade de Chicago, classifica os domínios da aprendizagem e, para isso, apresenta habilidades voltadas para os processos educacionais. Para Bloom e sua equipe, após realizar um processo de ensino-aprendizagem, os alunos devem ter adquirido novas habilidades e novos conhecimentos, ou seja, não podem alcançar os objetivos superiores sem antes ter alcançado os objetivos inferiores classificados na hierarquia.

Por exemplo, um aluno necessita lembrar algo (conhecimento prévio) e depois entender um determinado assunto, para, somente assim, aplicar aquele conhecimento. Depois dessa etapa é que vai então ter a possibilidade de analisar o mesmo tema, para então sintetizar as ideias e,

por fim, criar novas a partir das apreensões. Resumindo: para um aluno adquirir uma nova habilidade do próximo nível, é preciso que ele tenha dominado o conhecimento do nível anterior. Devemos seguir a mesma ideia ao escrever os objetivos de um projeto de dissertação ou tese de doutorado.

Figura 17: Taxonomia de Bloom revisada



Fonte: tutormundi.com (2023)

Na taxonomia, os verbos a serem utilizados são divididos em domínios cognitivos, sociais e psicomotores. Em nosso caso – a produção de conhecimento por meio de uma escrita científica de dissertação/tese iremos nos deter no domínio cognitivo.

Os verbos do domínio cognitivo são:

- Lembrar: reconhecer, memorizar e lembrar fatos, ideias, termos e conceitos;

- Entender: interpretar o conteúdo e associá-lo a outros contextos;
- Aplicar: aplicar as informações recebidas para a resolução de um problema;
- Analisar: analisar e comparar partes do conteúdo, levantar hipóteses para a solução, observando todas as variáveis, para entender a estrutura do problema;
- Sintetizar: percepção de todos os fatores que compõem um problema e a capacidade de combinar informações para resolvê-lo;
- Criar: avaliar, de forma crítica, toda a estrutura do problema;

Nesse contexto, podemos classificar os verbos, de forma hierárquica, como pede a taxonomia de Bloom, para objetivos específicos e geral em:

- Verbos de Conhecimento (lembrar, na versão atualizada). Refere-se ao processo de definir, reconhecer ou identificar a partir de aprendizagens anteriores: associar; calcular; citar; classificar; definir; descrever; distinguir; enumerar; especificar; enunciar; estabelecer; exemplificar; expressar; identificar; indicar; medir; mostrar; nomear; registrar; relacionar; relatar; selecionar.
- Verbos de Compreensão (conhecer, na versão atualizada). Refere-se ao processo de entender o conceito e ser capaz de explicá-lo com as próprias palavras: compreender, entender, concluir; descrever; distinguir; deduzir; demonstrar; discutir; explicar; identificar; ilustrar; inferir; localizar; relatar; revisar.
- Verbos de Aplicação (se mantém aplicado, na versão atualizada). Refere-se à habilidade de aplicar a informação em situações práticas e concretas: aplicar; demonstrar; dramatizar; empregar; ilustrar; praticar; traçar; usar; estruturar; organizar; relacionar.

- Verbos de Análise (se mantém analisar, na versão atualizada). Refere-se ao processo de estruturar o conceito estabelecendo relações entre as partes constituintes: analisar; classificar; mapear, categorizar; combinar; comparar; comprovar; contrastar; correlacionar; diferenciar; discutir; detectar; descobrir; discriminar; examinar; experimentar; identificar; investigar; provar; selecionar.
- Verbos de Síntese (se mantém sintetizar, na versão atualizada). Refere-se à pesquisa e à relação entre informações de várias fontes para formar uma nova. E, nesse processo, estabelecer padrões: combinar; compor; criar; comprovar; deduzir; desenvolver; documentar; explicar; organizar; planejar; relacionar.
- Verbos de Avaliação (criar, na versão atualizada). Refere-se ao julgamento de valor a partir de critérios estabelecidos – internos e externos: avaliar; criar, concluir; constatar; criticar; interpretar; julgar; justificar; padronizar; relacionar; selecionar; validar; valorizar.

Assim sendo, utilize os verbos de forma hierárquica nos objetivos específicos, deixando o objetivo geral para um verbo cognitivo de maior impacto.

Sócrates: Uma dúvida... qual a justificativa para a escolha dos verbos para os objetivos, ou você fez por acaso?

Platão: Mestre, não sei explicar.

Sócrates: Veja bem, mesmo fazendo ao acaso, você fez certo. Porém, para uma dissertação ou uma tese, você pode ser questionado pela escolha dos verbos. Utilizo sempre a Taxonomia de Bloom para explicar. Veja seu objetivo geral - Analisar a formação pedagógica de professores médicos do curso de me-

dicina de uma universidade no Ceará. Observe que utilizou um verbo do domínio cognitivo, um verbo de análise, que é uma ação cognitiva do quarto grau. Antes dele, existem os grupos de verbos que tratam de lembrar, entender e aplicar. Seu verbo, analisar, refere-se ao processo de estruturar o conceito do que vai pesquisar, estabelecendo relações entre as partes constituintes. Além disso, seu verbo escolhido encaixa muito bem na pesquisa com abordagem qualitativa, sendo o seu “norte”, apesar de ainda não termos chegado à metodologia, mas essa será sua abordagem de estudo.

Platão: Profundo isso.

Sócrates: Profundo, porém compreensivo. Nos específicos você utilizou: identificar, interpretar e mapear. Ações cognitivas dos grupos de verbos analisar, avaliar e, novamente, analisar. Todos também ligados aos verbos do campo cognitivo e que, juntos, ajudam você a chegar ao objetivo geral. Os verbos escolhidos também se relacionam muito bem com as ações que vai fazer na coleta (mesmo ainda não estando nesse ponto do projeto), pois você vai, no primeiro objetivo específico, apenas identificar o perfil mesmo, por meio de um questionário (que ainda vamos discutir); no segundo, por meio de uma entrevista, vai interpretar a fala dos envolvidos (também ainda vamos refletir sobre como será essa entrevista); e, por fim, no terceiro específico, vai mapear os currículos, se possuem ou não o que busca. Per-

feito. Todavia, lembre-se: esperamos de mestrando ou doutorando que ele tenha argumento, que saiba justificar suas escolhas. Aprenda isso agora e guarde para toda a sua vida e futuros projetos acadêmicos. Saiba sempre justificar suas escolhas.

Para finalizar a discussão acerca dos objetivos, atente-se a um ponto muito importante: nunca insira dois verbos no enunciado de um mesmo objetivo. Um verbo exprime uma ação, assim, se são dois verbos em um só objetivo, quer dizer que o estudante vai realizar duas possibilidades investigativas em um só momento. Por exemplo: identificar e compreender a ação de professor em sala de aula. Tal objetivo nos diz que o pesquisador vai inicialmente identificar e depois analisar um fato ou fenômeno. Observe que são duas ações em um objetivo. Desta feita, tal formulação está errada, pois deveria ser dividida em dois momentos, assim, se tornando dois objetivos.

Dessa forma, Sócrates e Platão concluíram a seção dos objetivos. A seguir, apresentamos como ficou o capítulo dois do projeto de Platão.

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES MÉDICOS DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE NO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO
2. OBJETIVOS (Projeto de Platão - trecho em itálico - comentários do orientador, Sócrates)
2.1 Objetivo Geral
Analisar a formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade pública no estado do Ceará, Nordeste brasileiro <i>(demos uma encorpada no objetivo, mas mantemos a relação com o título e a pergunta principal).</i>

2.2. Objetivos Específicos

Identificar o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica;

Interpretar como os participantes compreendem sua trajetória docente;

Mapear os currículos lattes dos sujeitos, no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem.

- *Caso este projeto fosse de um mestrado profissional, ou exigência de um curso de doutorado (alguns cursos de doutorado exigem um produto, em consonância com a contribuição da pesquisa para a sociedade com algo 'novo', inédito), seria necessário incluir aqui um objetivo relacionado à produção de um produto técnico (produto oriundo da pesquisa, dos achados, resultados). Por exemplo: Elaborar, a partir dos resultados obtidos, um relatório avaliativo e técnico da formação pedagógica dos professores médicos envolvidos no estudo. Ou: Propor, a partir do discutido no estudo, um curso de formação pedagógica para professores médicos (nesse caso, teria que trazer uma proposta com objetivos, conteúdos, referências, carga horária, ementas, recursos, metodologia de ensino, etc.). O produto técnico da dissertação/tese deve vir acoplado nos apêndices do texto final.*

VI REVISÃO DE LITERATURA OU REFERENCIAL TEÓRICO: O CAPÍTULO EMINENTEMENTE BIBLIO- GRÁFICO DO PROJETO⁵

"Existe apenas um bem, o saber, e apenas um mal, a ignorância."

Sócrates

Literatura vem do latim *littera*, que significa, literalmente, letra, mas também se referia a escritos/cartas. Assim, a revisão da literatura, como o próprio nome diz, possui o significado de revisão dos escritos. É um componente dos elementos textuais de um projeto de pesquisa e, obrigatório. É considerada a parte eminentemente bibliográfica (deriva do grego *bíblōs* ou *bíblion* - livro. *Bíblion*, no plural, assume a forma *bíblia*, significando livros).

Mattos (2015) afirma que a literatura engloba os diversos materiais descritos sobre uma determinada temática, tais como: artigos científicos, livros, trabalhos completos publicados em eventos acadêmicos, artigos de jornais, registro histórico, monografias, dissertações, teses, dentre outros tipos de textos. É uma fonte importante de informação e conhecimento para pesquisadores e é amplamente utilizada como base para novas investigações.

Refere-se É à parte da pesquisa em que são reunidas as referências (incluindo aquelas citadas na introdução como principais referenciais teóricos) que vão revelar o embasamento teórico do estudo. É a partir da revisão de literatura que o leitor vai poder compreender o tema e os objetos de estudo.

De forma mais ampla, envolve os teóricos fundamentais do tema estudado, leis que contribuem para o enten-

⁵ Este capítulo, originalmente escrito pelo Professor Dr. Heraldo Simões Ferreira, teve a colaboração posterior da Professora Dra. Stela Lopes Soares (UNINTA/Sobral).

dimento do objeto, revisão de pesquisas que tratam do mesmo assunto, sejam livros, capítulos, trabalhos apresentados em eventos, artigos, dissertações ou teses.

Relaciona-se a É uma etapa importante na construção de conhecimento em uma área específica, sendo amplamente utilizada em pesquisas científicas. Cooper (1989) explica que, para realizá-la, se faz necessária a inclusão de técnicas de busca de informação, avaliação da qualidade dos estudos e síntese dos resultados.

Galvan (2006), no que lhe concerne, leciona que o passo-a-passo inclui a identificação de questões de pesquisa, a seleção de fontes de informação e a síntese dos resultados. Parker (2014) inclui a definição de objetivos, a seleção de fontes de informação e a avaliação da qualidade dos estudos.

Figura 18: Leia para compreender seu tema e realizar sua revisão de literatura



Fonte: Laerte, Imagens Google (2023).

Há de se ter muito cuidado para não construir uma 'colcha de retalhos', copiando vários textos e criando um monstrego a partir de outros estudos. Tal ação pode levar ao plágio, ou seja, apresentar ideias, frases ou informações de terceiros como se fossem de autoria própria. Em uma pesquisa acadêmica, o plágio é considerado uma violação

da ética e pode levar a consequências que incluem a reprovação do trabalho e a perda da credibilidade do autor.

Para evitar o plágio, é importante que as fontes consultadas sejam devidamente creditadas, seja através de citações, notas de rodapé ou referências bibliográficas.

Existem diversos sites para verificar se há plágio em um texto, a saber: *DocWeb*, *Plagius*, *Turnitin*, *Copyscape* e *Grammarly*. Esses sites verificam o trabalho submetido contra uma ampla base de dados de fontes na internet e informam se há qualquer correspondência. Alguns editores de texto, como o *Microsoft Word*, também incluem ferramentas para verificação de plágio. Destaca-se ainda que, para prevenção de plágio, o melhor caminho é a realização de citações indiretas.

Muitas vezes os termos “revisão de literatura” e “referencial teórico” se misturam. Neste livro, consideramos, como já citado, a revisão de literatura como uma busca nos escritos, clássicos e atuais, sobre o tema estudado. Já o referencial teórico seria eleger um ou mais teóricos e especialistas *experts* no assunto explorado e dissecar a teoria deles com profundidade, criticidade e complexidade. A revisão de literatura também pode ser denominada: fundamentação teórica, abordagem teórica, embasamento teórico, entre outros termos.

Brizola e Fantin (2016) explicam que a revisão de literatura é o componente da produção textual que delinea o problema do estudo e auxilia na procura de novas linhas de investigação para a problemática. Já o referencial teórico se entende como a verificação do estado do problema a ser pesquisado, sob o aspecto teórico de especialistas no tema abordado e de outros estudos e pesquisas já realizados (LAKATOS; MARCONI, 2017).

Retomamos então a discussão sobre a relevância e a utilidade da revisão de literatura de posicionar o leitor do

estudo e/ou o pesquisador acerca dos avanços, progressos, retrocessos e lacunas do tema estudado, oferecendo novas ideias e pontos de vista e ajudando a avaliar os esforços de pesquisa a partir da comparação. Mazzoti e Gewand-sznajde (2000, p. 181) afirmam: "Caso não haja revisões disponíveis sobre o tema, é recomendável começar pelos artigos mais recentes e, a partir desses, ir identificando outros citados nas respectivas bibliografias".

Dessa maneira, ao escrever uma revisão de literatura, é muito importante, no caso de uma dissertação ou tese, realizar uma análise crítica do texto a ser utilizado. Se faz pertinente apontar os pontos de concordância e discordância, citar onde as teorias se relacionam ou não com sua própria pesquisa. Muitas vezes o aluno só insere na revisão aquilo com que concorda, o que é um erro. Traga informações, teorias e textos com os quais não concorda; critique e se apresente nesse momento do texto.

É perigoso reunir suas referências apenas levando em consideração sítios de busca não específicos e generalistas, como o *Google*, por exemplo. Em vez de buscar nesse tipo de sítio, procure os mais específicos, apenas de periódicos cadastrados e com qualidade, como *Google* acadêmico, Scielo, Bireme, Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Seguem algumas dicas:

- O trabalho científico deve ter um caráter formal e impessoal. Por conta disso, deve-se evitar a construção da oração na primeira ou terceira pessoa do singular;
- Utilize a clareza, precisão objetiva e consistência: apresentação clara das ideias;
- Seja conciso: objetividade na escrita, evitando-se repetições e abordagem direta do assunto;

- Os parágrafos devem ser curtos, em torno de três a 14 linhas, devendo exprimir uma unidade de raciocínio e, quando esta muda, deve-se abrir um novo parágrafo;
- Impessoalidade: elaboração do texto utilizando-se de preferência a terceira pessoa no singular e verbo na voz ativa: sabe-se, entende-se, recomenda-se;
- Não escreva adjetivos;
- Até o algarismo nove, se utilize a escrita por extenso; após, use o símbolo numérico: 10, 17, 26, 33;
- Sempre siga as normas da ABNT;
- Em nenhum momento use a linguagem coloquial, gírias ou palavras de dúbia interpretação;
- Sempre faça a ligação entre os parágrafos ou entre as seções;
- Utilize a fórmula de escrita chamada SVP: "sujeito, verbo e predicado". Escreva "O professor explicou o conteúdo" e não "O conteúdo foi explicado pelo professor" ou "Explicado pelo professor o conteúdo";
- Não especule;
- Não apresente generalidades, use dados. Cada afirmação do seu texto deve ser capaz de ser respaldada por dados, achados e interpretações encontrados em artigos e textos de outros autores ou na sua própria pesquisa;
- Atenção com os achismos: "eu acho", "eu prefiro", "deve ser", "todo mundo sabe que", "sempre foi assim", nada disso dá respaldo a argumentos usados em textos científicos;
- Seja lógico: após o I, vem o II, e não o III ou o IV. Exemplo: I: "O professor chegou". II: "Se chegou, haverá aula". III: "Portanto, tomem seus lugares";
- Evite sentenças longas, assim como curtas demais;

- Estude muito: reserve tempo para sempre ler literatura (romances, contos, novelas, narrativas, poesias, etc.), mesmo quando estiver redigindo a sua tese ou dissertação. Ler bons textos é fundamental para aprender a escrever;
- Investigue e cite sempre o autor e o texto original;
- Procure sempre usar como fontes os autores mais reconhecidos, as maiores autoridades no assunto.

Sócrates: Platão, meu admirável aluno, após encaminharmos a introdução e os objetivos, vai realizar nossa revisão de literatura. Já sabe de onde vai retirar os tópicos da sua revisão?

Platão: Vou trazer autores clássicos, artigos e outros estudos, sempre de fontes confiáveis, estupendo orientador.

Sócrates: Não respondeu à minha pergunta. Repito: de onde vai retirar os tópicos da sua revisão?

Platão: Do tema e sua delimitação, mais especificamente dos objetos de estudo, certo?

Sócrates: Certíssimo. E por qual motivo?

Platão: São meus objetos e, ao trazê-los para a revisão, tentarei oferecer ao leitor mais entendimento dos mesmos e assim apresentar o embasamento teórico da pesquisa. Os tópicos de minha revisão de literatura serão: formação médica, formação de professores e formação pedagógica.

Sócrates: Perfeito!

A revisão de literatura possui também como objetivo oferecer ao leitor um maior entendimento dos objetos de estudo e apresentar o embasamento teórico da pesquisa. Platão planeja revisar três tópicos principais: Formação Médica, Formação de Professores e Formação Pedagógica.

Não esqueça que, ao final de cada subcapítulo na revisão de literatura, você deve terminar ou concluir o texto anunciando o tópico a seguir, fazendo uma relação entre eles, para não haver quebra de ideia.

Outro ponto importante a ser inserido ao final do capítulo da revisão de literatura são os estudos relacionados. Sugerimos que, após o último tópico da sua revisão, haja a apresentação de estudos relacionados (similares) ao que está propondo. Lembre-se de que, na introdução, provavelmente você já deve ter citado essa busca, de forma resumida, na justificativa científica, e que agora deverá ser detalhada.

Dependendo do tamanho e da qualidade, essa parte da revisão de literatura pode vir a se tornar outro capítulo, logo na sequência da revisão. Nesse segmento, realiza-se uma busca de estudos científicos relacionados ao tema pretendido. Ao escrever, cite os critérios de inclusão para a seleção dos artigos, tais como:

- Cite os bancos de dados em que os estudos foram buscados;
- Especifique que só selecionou artigos em um determinado idioma;
- Deixe claro que buscou estudos em uma determinada região ou local;
- Explique que contou somente com estudos que passaram por avaliação por pares, duplo cego ou editorial;

- Determine a procura por artigos oriundos de revistas com Qualis;
- Por fim, cite o recorte temporal (o tempo é relevante: considere fatores como a disponibilidade de dados, mudanças significativas no contexto ou tendências que precisam ser capturadas). Por exemplo, em um estudo sobre leis educacionais, seria interessante realizar a busca de 1996, para os dias atuais, pois nesse ano foi publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lembre-se de que o recorte temporal é uma decisão importante que pode afetar a validade dos resultados da pesquisa, por isso é importante ser cuidadoso e rigoroso ao selecionar o período período de tempo.

Após essa busca, realize uma filtragem ainda maior para reduzir os resultados encontrados, selecionando apenas os estudos que se relacionam com seu tema específico de pesquisa. Vá realizando mais cortes, caso o resultado ainda seja extenso para análise futura. Por exemplo: caso sua pesquisa seja em Fortaleza, capital do Ceará selecione somente estudos no Nordeste, depois no Ceará, por fim, apenas, em Fortaleza. Isso, com certeza, diminuirá a seleção dos estudos relacionados.

A seguir, apresente em um quadro os resultados encontrados, ou seja, os títulos dos artigos encontrados, seus respectivos autores (as), ano de publicação, objetivos, metodologia e principais resultados.

Após a busca, apresente os artigos selecionados, resumidamente, junto de suas principais reflexões. Depois faça a comparação, entre os estudos, dos seguintes pontos: objetivos, metodologia e principais resultados.

Ao final, faça considerações diante dos achados dos estudos, aponte aos leitores as lacunas e avanços da área, possibilitando uma reflexão e explicando como os achados influenciam o campo de estudo. Cite o que sua pesquisa

possui de similaridades e diferenças com os estudos relacionados por você.

A seguir apresentamos um modelo de estrutura para a escrita dos Estudos Relacionados:

MODELO DE ESTUDOS RELACIONADOS
Para compreender melhor o tema proposto por este estudo, foi realizada uma busca de estudos relacionados, nos seguintes bancos de dados: Biblioteca Virtual de Saúde, <i>Scielo</i> e Portal de Periódico da Capes, em virtude da existência de textos, resumos, dissertações e teses referentes à área de estudo. A escolha desses portais se justifica pelas especificidades que cada um apresenta, pelo acesso público e universal, por estarem relacionados às ciências da saúde, pela atualização do acervo e por sua relevância na comunidade científica e acadêmica.
Os descritores utilizados foram: e, estes consultados no site da Biblioteca Virtual em Saúde. Realizamos a pesquisa com os descritores separadamente e, em seguida, fizemos o cruzamento para verificar se os textos se repetiam.
Utilizamos como critérios de inclusão a aderência ao objetivo e ao tema proposto; artigos e teses publicados em português; artigos na íntegra que retratassem a temática sobre e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados no período de 2017 a 2022, que sejam classificados com <i>Qualis</i> A1, A2 e B1, referentes a publicações da área de saúde coletiva.

Os critérios de exclusão foram artigos publicados que se repetiam; artigos que não abordavam a referida temática de.., fugindo do tema proposto; não estavam publicados na íntegra e cuja abordagem não contribui para o conhecimento proposto, bem como os artigos classificados com *Qualis* inferior a B1, na área de saúde coletiva, respeitando o período de nossa investigação.

O espaço temporal, compreendido entre 2017 a 2022, foi definido levando-se em consideração a publicação da Portaria do Ministério da Saúde que norteia atualmente a, objeto de nossa investigação. Entre o período de 2017 a 2022, consideramos o intervalo para a efetivação dessa política. Desse modo, foram definidas, como interstício temporal, as publicações nesses cinco anos.

Os artigos que se repetiram em duas bases de dados foram agregados na base de dados que continha o maior número de artigos. Os títulos foram analisados e equiparados com os critérios de inclusão e exclusão, averiguando a sua adequação com a questão norteadora da pesquisa. Os estudos pré-selecionados foram lidos na íntegra e categorizados.

Apresentamos a seguir as categorias que investigamos: tipos de estudo; percursos metodológicos adotados; identificar quais os veículos e locais de publicação; verificar os objetivos que impulsionaram as publicações; e apresentar os principais resultados e conclusões dos estudos. Ao realizarmos a análise dos dados a partir da categorização, realizamos a descrição do material coletado.

Comprometemo-nos em manter a fidedignidade junto às informações obtidas nos documentos acessados, garantindo a privacidade das informações e fidelidade na análise dos resultados encontrados.

Nesse sentido, disponibilizaremos os resultados e dados de nossa investigação: inicialmente, ao inserir os termos... AND... foram encontrados 10 estudos na base... e 12 no sítio..., no total 22 textos. Quando inserimos o termo... o número caiu para 20. Ao selecionar apenas estudos na região Nordeste do Brasil, a quantidade foi reduzida para 11.
A seguir, os estudos relacionados serão descritos.
Quadro com os estudos (incluindo autores, título e local de veiculação).
Descrição de cada estudo (baseada nos resumos deles).
Categorização: tipos de estudos; percursos metodológicos adotados; identificar quais os veículos e locais de publicação; verificar os objetivos que impulsionaram as publicações; principais resultados e conclusões dos estudos.
O que a análise dos estudos relacionados oferece ao seu estudo?

Sócrates: E os estudos relacionados?

Platão: Como já citei, será realizada uma busca nos sítios das bibliotecas de universidades cearenses que oferecem o curso de medicina, já que o cenário da pesquisa será nesse estado. Para tanto, serão inseridos os termos conectados aos objetos de estudo, o período dos últimos cinco anos, somente textos em português e com o resumo disponível.

Concluindo este capítulo, veremos a seguir a proposta do capítulo de Revisão de Literatura, referente ao projeto de Platão, com sugestões em *itálico* do seu orientador, Sócrates:

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES MÉDICOS DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE NO CEARÁ: um estudo de caso

3.1 Formação médica (*traga conceitos, história, linha do tempo, leis, etc. Utilize autores clássicos e os referenciais que citou na introdução. Ao término deste tópico, cite que, para ser médico, é necessário o ensino médico, e, para tanto, se faz necessária uma formação de professores, discussão na sequência*).

3.2 Formação de professores (*mesmo comentário inicial anterior. Ao término deste tópico, explique que a formação de professores leva à formação pedagógica, tópico a seguir*).

3.3 Formação pedagógica (*mesmas observações anteriores. Encerre esta seção apontando para a necessidade de trazer os estudos relacionados à sua pesquisa, seção seguinte*).

3.4 Estudos relacionados (*cite como foi a busca, os sítios que pesquisou, justifique a escolha. Apresente o período, os termos e os resultados. Explique os critérios de inclusão e exclusão dos estudos. Após isso, descreva cada estudo. Depois faça a categorização - tipos de estudos; percursos metodológicos adotados; identificar quais os veículos e locais de publicação; verificar os objetivos que impulsionaram as publicações; principais resultados e conclusões dos estudos. Por fim, responda: o que os estudos relacionados oferecem ao seu estudo - diferenças, semelhanças, inovação?*).

VII METODOLOGIA - O CAMINHO A SER PERCORRIDO PELA PESQUISA⁶

"Eu não posso ensinar nada a ninguém, eu só posso fazê-lo pensar."

Sócrates

O capítulo de metodologia, em sua etimologia, estudo do método, é aquele em que o caminho para a realização da pesquisa é apresentado. Vem do grego *methods*, composto pela junção das palavras *metho*, em português meta, e *hodos*, caminho, via. Assim, significa uma meta para se atingir um caminho. O método é o caminho de acesso à realidade, ao conhecimento da realidade.

Figura 19: O caminho a escolher - a tal da metodologia



Fonte: apoioemtudo.blogspot.com (2023)

⁶ Este capítulo, originalmente escrito pelo Professor Dr. Heraldo Simões Ferreira, teve a colaboração posterior da Professora Dra. Petília Rocha (SEDUC/CE).

Nesse enfoque, Ghedin e Franco (2011, p. 25) asseveram que “[...] o método é aquilo que possibilita a interpretação, mediante algum instrumento, do objeto que possui mais um significado”. Ou seja, o método é como uma via de acesso: indica a direção (DENCKER; VIÁ, 2012, p. 38).

Referendando o exposto, compreendemos que o método de uma pesquisa deve estar concatenado ao seu objeto. Assim, as diretrizes propostas por tal método norteiam a jornada realizada para aproximação do objeto. Na lição de Gamboa (2012, p. 70):

Para entender os métodos utilizados na investigação científica, é necessário reconstruir os elementos que a determinam e as relações que estes têm com outras dimensões implícitas nos processos de produção do conhecimento, tais como as técnicas, os instrumentos de aquisição, **organização**, análise de dados, informações e as concepções epistemológicas e filosóficas nas quais se fundamentam os processos de investigação [...].

Com apoio nessas concepções, e considerando as peculiaridades da pesquisa científica, este capítulo é denominado de procedimentos metodológicos, métodos, percurso metodológico, ou, simplesmente, metodologia. Depende de cada autor e de sua própria escolha. O importante é entender o mesmo como o corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma determinada pesquisa.

Em nosso modelo, iremos utilizar a seguinte proposta para a construção da metodologia:

A	Paradigma
B	Campo de Estudo
C	Abordagem
D	Tipo de Estudo
E	Cenário e Período da Pesquisa
F	Participantes da Pesquisa
G	Coleta de Dados
H	Análise de Dados
I	Procedimentos Éticos
J	Síntese da Metodologia

Em cada tópico citado, você deve escrever na seguinte ordem: anuncie sua escolha, conceitue ou descreva e, por fim, justifique (regra AC/DJ). A seguir, iremos explicá-las uma a uma, intercalando-as com os diálogos de Sócrates e Platão acerca do projeto de ambos.

A Paradigma

O conhecimento advém da relação entre o homem e o objeto; entretanto, é norteado por qual realidade? Para Platão (o filósofo, e não nosso personagem fictício do livro), a realidade está no mundo das ideias; já Aristóteles dizia que a realidade era palpável.

Tal debate foi exposto por Rafael, pintor italiano renascentista, no qual Platão surge com o indicador apontando para cima e; Aristóteles, por sua vez, sinaliza com a palma da mão para baixo. Ambos, todavia, concordavam que a realidade era percebida pelo homem.

Figura 20: Platão e Aristóteles, na *Akademia*, em Atenas, Grécia



Fonte: Google Imagens (2023)

As formas de se entender o mundo e a realidade foram se alterando com o tempo. As crenças, verdades e concepções passaram a ser pressupostos para explicar e compreender as coisas, fatos, fenômenos e pessoas. A esses pressupostos chamamos de paradigmas, que se alteram, em cada época, devido a novas descobertas, discussões e reflexões.

Tomamos como referência os estudos de Guba e Lincoln (1994), que asseveram que os paradigmas de pesquisa servem como uma “bússola” que guia o pesquisador durante a trajetória da investigação. Traduzem suas principais concepções, suas crenças básicas acerca do que é a realidade, em que medida essa pode ser apreendida e de que maneira. São esses paradigmas que, para eles, devem pautar as atitudes do pesquisador e determinar os procedimentos que caracterizam o rigor, a qualidade e a cientificidade da pesquisa.

Na pesquisa, o paradigma passa a ser uma forma de se entender a realidade e, assim sendo, se torna uma ma-

neira específica de ver, desnudar e compreender o mundo. O paradigma, de acordo com Guba e Lincoln (1994), pode ser discutido principalmente a partir de três prismas: ontológico, epistemológico e metodológico.

As questões ontológicas relacionam-se com a forma e a realidade com aquilo que consideramos possível saber sobre essa mesma realidade. As questões epistemológicas referem-se à natureza da relação entre o que se sabe ou pode vir, a saber, e o que é possível saber-se. A resposta a essa questão está relacionada com a dada na questão ontológica. As questões metodológicas dizem respeito ao modo de proceder do investigador para conhecer essa realidade.

Sob o prisma ontológico, este pode ser objetivo ou subjetivo. Segundo Guba e Lincoln (1994), a perspectiva ontológica corresponde à forma e à natureza da realidade e ao que, de fato, é possível conhecer sobre ela. Ou seja, compreendemos que se faz objetivo quando se volta para as causas e efeitos, obedece às leis rigorosas, e acima de tudo, é mensurável. O pesquisador não interfere na verdade obtida pelos dados, ao contrário, se afasta. Entretanto, quando subjetivo, se preocupa com o significado, com o que ocorre com os fenômenos; os dados passam a ser interpretados por quem os colhe.

O prisma epistemológico se refere a três formas:

- a) Positivista;
- b) Fenomenológico, interpretativo e construtivista;
- c) Crítico ou marxista.

O positivismo dominou a forma de fazer ciência, desde Descartes até o início do século XX, oferecendo valor à ciência e ao método da verificação e experimentação como únicas verdades. Ainda, se baseia exclusivamente em fatos observáveis, o que o aproxima das ciências exatas. Afasta-

-se da interpretação e do subjetivismo. Estabelece conexões com o que; Auguste Comte, seu maior representante, considera como o real, o certo e o determinado. Por fim, só admite uma proposição se a mesma puder ser verificada e comprovada pela experiência. Portanto, o pensamento positivista tende a reconhecer como cientificamente válido apenas os conhecimentos empírico-indutivo e estatístico, próprios das Ciências Naturais e das Ciências Exatas (ALTMICKS, P. 387, 2014)

A forma fenomenológica trata da forma como as pessoas dão significados à realidade, a partir de suas experiências de vida, suas crenças, culturas e modos. Faz-se do objetivismo do positivismo. Sua busca é o entendimento dos indivíduos, fatos ou fenômenos, considerando a realidade que os cerca. Oferece a possibilidade de conectar diversas interpretações de um mesmo fenômeno; e, depois, estabelecer relações entre eles. A tradição fenomenológica parte da perspectiva de que o mundo e a realidade não são objetivos e exteriores ao homem, mas socialmente construídos e recebem um significado a partir do homem. Nessa visão, a tarefa do cientista social não é levantar fatos e medir a frequência de certos padrões, mas apreciar as diferentes construções e significados que as pessoas possam, a partir de suas culturas, atribuir como sua experiência.

Edmund Husserl, um filósofo que viveu entre os anos de 1859-1938, foi o responsável pelo desenvolvimento dos estudos da fenomenologia. Para Moor (2020), a atitude filosófica fenomenológica é uma crítica ao nosso posicionamento ingênuo no mundo, à atitude natural que temos em considerar que o natural, que envolve coisas empíricas, materiais, psicológicas, bem como o mundo e nós mesmos, é dado ou está no mundo independentemente da consciência (MOOR, 2020) Retirar o realce.

Por fim, a forma histórico-dialética, ancorada no pensamento crítico-marxista, apresenta como principal carac-

terística a compreensão da realidade por meio do julgamento da realidade, da disputa de classes, da luta pelo poder. Leva ao criticismo e adota uma ideologia de contestação. É auxiliada por aspectos metodológicos das ciências sociais e de parte do entendimento da fenomenologia, já que também busca interpretar fenômenos, porém, sempre com posicionamento crítico. Os dados são lidos e compreendidos comparando-os com elementos sociais, com a ciência política e a verdade também depende da posição sociopolítica do pesquisador.

Sócrates – Platão, meu curioso discípulo, após concluirmos sua introdução, objetivos e a revisão de literatura, passemos agora à metodologia. A propósito, você entende esse termo?

Platão – Sábio guru, como não? É o estudo do método, ou seja, o caminho que iremos percorrer na pesquisa, é o como, com quem, de que forma, quando, para quê e por quem fazer.

Sócrates – Excelente. Então vamos começar. A princípio, precisamos definir seu paradigma.

Platão – Não havia pensado nisso. O paradigma não é a forma de ver a realidade, como compreendê-la e explicá-la?

Sócrates – Isso mesmo. Além disso, o paradigma também se relaciona com o seu próprio meio de enxergar tudo isso. Lembre-se do texto da Alegoria da Caverna. Os prisioneiros só viam as sombras nas paredes e a realidade era aquela. Um deles foge e vê a realidade de outra forma, crua e verdadei-

ra. Retorna à caverna e explica o que viu para seus colegas, ainda presos e que, céticos, não acreditam. Estavam presos em seus paradigmas.

Figura 21: Alegoria da Caverna, de Platão



Fonte: Google Imagens (2023)

Platão – Amado mestre, entendi. Tenho o meu paradigma de entender a realidade e, assim, devo utilizá-lo em meu projeto de pesquisa, então?

Sócrates – Isso vai ajudar, mas não é tudo. Pense em sua pesquisa, como vai coletar os dados, como vai interpretá-los? Baseado na objetividade da experiência e da validação como única fonte ou na subjetividade, respeitando a sua compreensão dos fenômenos?

Platão – Compreendi. No caso, vou utilizar o paradigma fenomenológico, já que vou buscar significados à realidade, respeitando as experiências de vida dos participantes da minha pesquisa e de minhas próprias concepções.

Sócrates – Decisão acertada. Concorro plenamente, estudioso aluno. Entretanto, lembre-se de que ao escrever em seu projeto, o paradigma, você deve anunciar sua escolha, conceituar o que é um paradigma e aquele que escolheu, além de justificar a escolha (Regra AC/DJ – anunciar, conceituar ou descrever, justificar).

Platão – Deixa comigo, meu doutor. Procurarei referências importantes e atuais sobre o paradigma fenomenológico e a escolha vai recair sobre como o pesquisador enxerga a realidade, assim como apontarei a subjetividade da proposta metodológica de compreensão dos fenômenos.

B Campo de estudo

A palavra campo possui diversos significados e se origina do termo latim *campus*. É utilizada para determinar um espaço, na física, nas relações humanas, na geometria, na vegetação etc. Em nosso caso, tratamos como campo uma área de estudo. Já estudo se refere a um esforço cognitivo para aprender algo ou à realização desse processo.

Assim sendo, campo de estudo seria uma área para se compreender cognitivamente algo, ou melhor, uma área especializada, específica, de um terreno para se buscar conhecimento.

Sócrates – Uma dúvida: qual será seu campo de estudo?

Platão – O senhor quer saber o que eu vou estudar?

Sócrates – Não. Desejo saber qual o campo, a área de estudo.

Platão – Meu título é FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES MÉDICOS DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE NO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO. Assim sendo, formoso guru, acredito que meu campo de estudo seja na área da educação, já que o curso a que pretendo submeter o projeto também é nesse campo.

Sócrates – Perfeitamente. É o mais indicado. Ah... não se esqueça da Regra AC/DJ.

C Abordagem

A pesquisa científica é o resultado de uma busca minuciosa, realizada visando com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos. Segundo Gil (2007, p. 17), (retirar o realce) pesquisa é definida como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Assim, desenvolve-se por um processo constituído de diferentes etapas: quanto ao método, quanto à natureza, quanto à abordagem, além de técnicas e análises de pesquisa.

No que se refere à abordagem, a pesquisa pode ser dividida entre qualitativa, quantitativa ou mista. A primeira busca explicar fenômenos de forma subjetiva, abstrata, interpretativa e singular, considerando as relações humanas, crenças e valores. Já a abordagem quantitativa se volta para questões numéricas, objetivas, de fácil reprodução e com fins estatísticos. Porém, quando as abordagens se tornam métodos complementares de uma mesma pesquisa científica, nessa situação se configura a abordagem mista, qualiquantitativa ou quantiqualitativa, tanto faz, pois, em muitos momentos a pesquisa qualitativa necessita interpretar dados numéricos trazidos pela pesquisa quantitativa **(Explicamos isso com mais profundidade no item A do capítulo II)**.

Sócrates – Agora, diga-me, qual a sua abordagem da pesquisa? Lembre-se de que deve estar alinhada ao paradigma que selecionou.

Platão – Mestre dos mestres, pelo que aprendi, o paradigma fenomenológico que escolhi casa muito bem com a abordagem qualitativa. Dessa forma, pretendo assumir essa abordagem, inclusive a justificando pela sua relação com o paradigma, como já disse.

Figura 22: Quanti X Quali



Fonte: programatcc.com.br (2023)

D Tipo de estudo

Esse tópico da metodologia deve ser voltado para a anunciação, conceituação e justificativa da escolha do tipo de estudo. Para tanto, utilize o que vimos no **capítulo II**, itens **B**, **C** e **D**.

Sócrates – Dedicado Platão, precisamos agora pensar e anunciar o tipo de estudo de nosso projeto.

Platão – Estrondoso professor, já o temos, inclusive está anunciado em nosso título: FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES MÉDICOS DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE NO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO.

Sócrates – Claro, havia me esquecido. Todavia, antes de anunciar como estudo de caso, ou seja, a tipologia da nossa pesquisa, qual será sua natureza: básica ou aplicada? E mais, quanto aos objetivos, será exploratória ou descritiva?

Platão – Digníssimo docente, conforme as vossas aulas, entendo que será aplicada, já que iremos coletar e analisar dados em campo, e será descritiva, já que iremos nos deter em um grupo específico, com características próprias de um determinado fenômeno.

Sócrates – Ótimo. Após anunciar o tipo de estudo, não se esqueça de trazer conceitos sobre o mesmo. Em nossa situação, estudo de caso. Procure autores clássicos sobre o tipo escolhido. Sendo estudo de caso, você necessita deixar claro por qual motivo a situação estudada merece ser um caso a ser estudado. O que possui que a distingue de casos semelhantes? Lembre-se também de justificar a escolha, a relação com a abordagem e o paradigma.

Platão – Pacificador mestre, não se preocupe, farei tudo e não esquecerei a regra AC/JD.

E Cenário e período da pesquisa

O cenário da pesquisa é o local, *locus*, onde o estudo será realizado. Descreva-o minuciosamente e explique o motivo da escolha do local. Insira dados do local, tais

como mapas, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, condição socioeconômica da região, bem como outras informações que sinalizem o espaço de realização da pesquisa.

Cite também o período em que o estudo vai ser realizado, uma previsão.

Sócrates – Inquieto discente, me conte sobre o cenário, o local de sua pesquisa. Onde será? Por que escolheu esse local?

Platão – Respeitoso detentor do saber, o cenário será na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, Nordeste brasileiro, mais especificamente no campus da Universidade Estadual do Ceará, onde se localiza o curso de medicina daquela instituição. Escolhi esse local, pois é o lócus onde os professores médicos do curso de medicina, que serão meus sujeitos do estudo, atuam como docentes.

Sócrates. Claro, tinha que ser esse mesmo, haja vista seu objeto de estudo. Na hora de passar tudo isso para o papel, conte um pouco sobre os dados sociodemográficos do local onde se situa a universidade, faça um breve relato da história da instituição, assim como do curso de medicina da universidade pesquisada. Seja detalhista, use figuras, quadros, etc. É muito importante para o seu leitor entender o cenário e sua importância para a comunidade onde se situa.

F Participantes da pesquisa

Esse trecho da metodologia faz referência aos participantes da pesquisa. É importante relatar quem são os envolvidos, quantos são, como serão convidados e selecionados e o que esse número de sujeitos representa em relação ao todo da população pesquisada.

Em muitos estudos, se apresenta primeiro o universo da pesquisa, que representa, por exemplo, no caso da pesquisa de nossos personagens, os professores da Universidade Estadual do Ceará, a população dos professores do Centro de Ciências da Saúde e a amostra dos docentes médicos do curso de medicina. Também se faz relevante justificar a escolha dos selecionados.

Portanto, a população é o conjunto de todos os casos que preenchem determinadas especificações, enquanto a amostra caracteriza-se como o subgrupo da população do qual são coletados os dados e que deve ser representativo dessa população (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Explique como os participantes participarão do estudo, em que local serão observados, entrevistados ou responderão ao questionário e em que momento deverá assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A).

Caso o estudo seja realizado em várias etapas e o número de participantes também seja alterado, conforme a participação, especifique os critérios para a mudança e os motivos da redução ou da soma de envolvidos. Se possível apresente um quadro com os participantes do estudo, especificando a fase e a quantidade.

Outros detalhes importantes e que não devem ser esquecidos são os critérios de inclusão e exclusão. Cite os critérios de inclusão e depois os de exclusão. Cuidado: não repita os critérios de inclusão com a negativa, apenas.

Sócrates – Caro orientando, quem serão os participantes da pesquisa?

Platão – Como já conversamos antes, os professores médicos do curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará.

Sócrates - Por quais motivos?

Platão – Nosso objetivo geral é analisar a formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade pública no estado do Ceará, Nordeste brasileiro. Assim, nosso objetivo geral já aponta os participantes.

Sócrates – Mas, por que os professores médicos, não incluem todos os professores do colegiado de medicina, médicos ou não?

Platão – Pelo fato de que queremos saber como esses médicos que são professores adquiriram sua formação pedagógica, que, sabemos empiricamente, não possuem na graduação.

Sócrates – É verdade, havia esquecido. Mas quantos serão? O que esse número representa? Como vai contactá-los? Quais os critérios de inclusão e exclusão?

Platão – Distinto Guia, participarão, ou melhor, serão convidados TODOS os professores que são médicos do colegiado, efetivos ou não. Isso vai equivaler a 100% dos professores médicos. Já até me informei com o secretário, são 30 os professores que são médicos.

Irei pegar o contato desses com o secretário do curso e então convidá-los, via e-mail. Os critérios de inclusão serão: estar na ativa e ministrando aula no período da pesquisa e ser médico de formação. Os critérios de exclusão serão: não assinar o termo de consentimento e não ter disponibilidade para as etapas de coleta de dados.

Sócrates: Maravilha!

G Coleta de dados

A coleta de dados é o momento da metodologia que se trata do como fazer, ou seja, "[...] implica elaborar um plano detalhado de procedimentos que nos levem a reunir dados com um propósito específico" (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, p. 216, 2013). As técnicas de coleta de dados predominantemente utilizadas na pesquisa qualitativa nas perspectivas, fenomenológica/interpretativa ou crítica/dialética são: entrevistas, observação, uso de diários e análise documental.

Algumas técnicas, como as entrevistas, questionário, formulário, podem ser usadas para a coleta de dados de forma quantitativa ou qualitativa. Os investigadores de pesquisa quantitativa, no entanto, utilizam instrumentos tipo *survey* para coleta de dados, amostra probabilística, escalas, testes e medidas, bem como tratamento estatístico na análise dos dados coletados.

Referendando o exposto, aqui se faz necessário citar como os dados serão coletados e quais técnicas serão utilizadas (entrevista, questionário, observação, testes, busca documental, experimentos, técnicas projetivas, etc.). Essas técnicas possuem instrumentos. Por exemplo, na aplicação de questionário, entrevista ou observação, o roteiro

e/ou diário de campo será o roteiro. Sempre cite os roteiros como apêndice.

O questionário, como define Gil (2002, p.128), refere-se à “[...] técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

Nessa prerrogativa, para cada técnica de coleta de dados, traga autores para explicá-las e conceituá-las. Descreva a finalidade de cada técnica, cite a sua relação com os objetivos e explique que a aplicação da técnica é para responder a um objetivo específico ou pergunta lançada na introdução.

Deixe claro como a técnica vai ser aplicada, cite o local, explique quantos participantes haverá e especifique de que forma será realizada a coleta (presencial, virtual, individualmente, em grupo, o tempo disponibilizado, etc.). Seja minucioso.

Caso utilize questionário, é importante realizar um teste-piloto e explicar como foi feito, onde e com quem. Comente sobre o objetivo desse teste. Caso este tenha sido aplicado e na devolutiva tenham sido sugeridas alterações, comente-as. Lembre-se de que o questionário pode ser fechado (objetivo, com questões fechadas), aberto (subjetivo, com questões abertas) ou misto (questões abertas e fechadas). Explique se será aplicado da forma tradicional, impresso ou por ferramentas digitais (*Google Forms*, por exemplo).

Sendo a técnica escolhida para a entrevista, indique como será realizada (roteiro nos apêndices), onde ocorrerá e o tempo, se será individual ou em grupo, presencial ou virtual (com o *Google Meet*, por exemplo).

Segundo Minayo (2014), a entrevista é a estratégia mais utilizada na pesquisa de campo, realizada entre dois ou vários interlocutores, com o objetivo de construir informações pertinentes ao objeto de pesquisa. A autora salienta que a entrevista pode ser classificada em: sondagem de opinião (totalmente elaborada e o convidado está condicionado a responder somente às questões formuladas pelo investigador), semiestruturada (combina perguntas fechadas e abertas, e o convidado não necessita se prender unicamente à questão formulada), aberta ou em profundidade (o sujeito é convidado a discorrer livremente sobre uma temática) e focalizada (destinada a esclarecer apenas um determinado problema).

Também podemos entender que a entrevista pode ser estruturada (quando o entrevistador já chega com as questões prontas), semiestruturada (quando as perguntas partem de temas, e não questionamentos), e não estruturada (quando não há perguntas ou temas, inicia-se com uma conversa informal e vão se obtendo dados importantes para o estudo).

No caso da observação, cite como será realizada (roteiro nos apêndices), o que irá observar, como, quando e onde. Pode ser participante (presença na ação do pesquisador) ou não participante (o pesquisador apenas observa, não age). Cite os instrumentos: roteiro e diário de campo, no qual vai registrar o que foi observado.

Se for um teste físico, por exemplo, explique-o em detalhes, siga as ideias do autor do teste e se possível o apresente em figuras (ou mostre nos anexos). Se for busca documental, seja claro ao explicar o que vai buscar nos documentos.

Por fim, não se esqueça de justificar a escolha das técnicas da coleta. Qual a ligação com o tipo de estudo, abordagem e paradigma?

Apresente um quadro com os procedimentos da coleta de dados, especificando a fase, técnica, instrumento, para quem será aplicada e os objetivos que se propõe a resolver.

Sócrates: Chegamos a um momento crucial do seu trabalho, Pequeno Gafanhoto, a escolha das técnicas da coleta de dados. Para tanto, precisamos lembrar os seus objetivos específicos, são eles: identificar o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica; interpretar como os participantes compreendem sua trajetória docente; e mapear os Currículos Lattes dos sujeitos, no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem.

Platão: Sábio Iluminado, por que temos que recordar isso?

Sócrates: Para pensar na coleta, temos que ter em mente o que queremos em seu estudo. Os objetivos devem ser respondidos e serão as técnicas de coleta que lhes responderão; assim, para cada um, teremos uma coleta específica, que iremos denominar de fases.

Platão: Entendi, Desenrolado Guru. Desta feita, para o primeiro objetivo específico, “identificar o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica”, pretendo utilizar um questionário fechado, usando o Google Forms. Vou enviar para os e-mails dos participantes. No

roteiro, o questionário constará de perguntas sobre o perfil dos envolvidos, tanto pessoal quanto de experiência de formação pedagógica. Será aplicado para todos os 30 sujeitos do estudo.

Sócrates: Muito bem! Essa será a primeira fase da coleta de dados e responderá ao seu primeiro objetivo específico. E quanto ao segundo objetivo específico, qual será a técnica de coleta?

Platão: Para responder ao segundo objetivo específico, “interpretar como os participantes compreendem sua trajetória docente”, acredito que a entrevista semiestruturada será resolutive. Irei realizar entrevistas individuais com os envolvidos, com perguntas que possam refletir como os sujeitos entendem sua caminhada na docência. Essa será a segunda fase da coleta de dados e responderá ao nosso segundo objetivo específico.

Sócrates: Mas são muitos os participantes, como fará para entrevistar 30 pessoas?

Platão: Magnifico Instigador do Pensamento, não havia pensado nisso.

Sócrates: Sugiro que utilize, já que seu trabalho é qualitativo, o critério da saturação de respostas. Ou seja, quando as respostas dos sujeitos começarem a se repetir, você cessa essa coleta. A pesquisa qualitativa permite a utilização desse formato de coleta.

Platão. Ótimo!

Sócrates: Mas, falta o último objetivo específico, “mapear os Currículos Lattes dos sujeitos, no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem”. Para esse, me parece óbvio, iremos realizar uma busca documental no currículo dos sujeitos, nos quais você vai procurar especificamente a participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem.

Platão: Exatamente! Essa será a terceira fase da coleta de dados e responderá ao nosso terceiro objetivo específico.

H Análise de dados

A análise de dados se configura em uma importante fase da pesquisa científica, favorecendo uma interpretação mais adensada dos dados coletados, para melhor compreendê-los.

Para Teixeira (2003), é o processo de formação de sentido além dos dados, e essa formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado. Apesar da variação das formas que podem assumir os processos de análise e interpretação, em boa parte das pesquisas sociais podem ser observados os seguintes passos: a) estabelecimento de categorias; b) codificação; c) tabulação; d) análise estatística dos dados; e) avaliação das generalizações obtidas com os dados; f)

inferência de relações causais; e, g) interpretação dos dados (GIL, 2008).

Os resultados, quando se trata de questões objetivas (questionários fechados, por exemplo), podem ser analisados através da estatística descritiva e apresentados por meio de gráficos e quadros.

Quando se tratar de questões abertas (tanto em questionários quanto em entrevistas), a análise pode ser realizada por meio dos conteúdos das falas dos sujeitos, que devem ser categorizadas e discutidas à luz da subjetividade. Também se faz necessário que os resultados sejam, tanto nas questões fechadas quanto nas abertas, confrontados com a literatura específica da área estudada.

Sob essa ótica, Gomes (2004) indica que a palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns, ou que se relacionam entre si. A categorização é uma das operações lógico-matemáticas que construímos desde nossos primeiros anos de vida. Abstraímos dados da realidade empírica enquanto construímos categorias cognitivas. Da mesma forma, na análise dos dados de nossas pesquisas, as categorias nos ajudam a organizar, separar, unir, classificar e validar as respostas encontradas pelos nossos instrumentos de coleta de dados.

A análise das falas retiradas das entrevistas pode ser realizada, geralmente, por meio da Análise de Conteúdo de Bardin, Análise Temática de Minayo e Análise de Discurso, principalmente aquela desenvolvida por Deux-champs.

A Análise de Conteúdo tem sua origem no campo das investigações sociais e busca explicações a partir de uma codificação própria dos dados, a qual permite inferências a partir da maior ocorrência de determinadas palavras

(BARDIN, 2011). Isso permite que possamos sistematizar tal processo, automatizando-o.

O método de Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (2011), consiste no tratamento da informação desde o seguinte roteiro:

- 1) Pré-análise - leitura flutuante para conhecer o texto e as suas mensagens; organização e escolha do material a ser utilizado; formulação de hipóteses e objetivos; e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final;
- 2) Exploração do material; e,
- 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Sócrates: Pois bem, caro discípulo, após a coleta, necessitamos agora citar como será a análise dos dados. Lembre-se: se foram três fases na coleta, aqui também serão três.

Platão: Prezado Orientador, na fase 1, aplicação do questionário fechado, irei utilizar como análise a estatística simples descritiva; na fase 2, da entrevista, pretendo recorrer da Análise Temática de Minayo; e, por fim, na fase 3, a busca documental, como vou apenas identificar/mapear os Currículos Lattes dos sujeitos, vou novamente utilizar a estatística simples descritiva, apontando se os participantes possuem ou não participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem.

Sócrates: Muito bom, cada fase da análise corresponde a uma fase da

coleta e você apresenta uma proposta que respeita essa correlação.

I Procedimentos éticos

Uma projeção de pesquisa científica exige a construção de uma estratégia teórico-conceitual, na qual, através de ações estruturadas e sistemáticas, desenvolva-se a compreensão dos conceitos centrais com relação ao objeto a ser estudado e a relação desses conceitos com o caminho que será percorrido para desvendar o problema relativo ao objeto da pesquisa.

Nesse movimento, é fundamental conduzirmos a pesquisa com padrões éticos, considerando a legitimidade das normas estabelecidas, ou seja, seu fundamento propriamente ético. Ou seja, compreendemos que a ética “[...] refere-se a um investimento elucidativo dos fundamentos, das justificativas de valores, independentemente de sua aprovação ou não por qualquer grupo” (SEVERINO, 2014, p. 205).

Assim, todas as informações éticas necessárias para a realização de uma pesquisa devem ser consideradas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) deve ser devidamente assinado por todos os pesquisados de forma espontânea e voluntária.

Para que o pesquisador possa realizar a coleta de dados nos cenários da pesquisa, uma autorização dos responsáveis, denominada Termo de Anuência (Apêndice X), deve ser solicitada.

Os participantes devem ter a identidade preservada (respeitando o princípio de confidencialidade), e isso pode ser feito quando substituímos o nome verdadeiro dos participantes por códigos, números, iniciais, apelidos ou outros nomes (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p.

452). Podem ainda desistir a qualquer momento do estudo e não devem sofrer nenhum risco ou dano físico, mental ou social.

A pesquisa necessita estar de acordo com a Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que define as normas para pesquisa com seres humanos, considerando o respeito pela dignidade humana e a proteção dos princípios éticos aos participantes das pesquisas científicas (BRASIL, 2012). Igualmente, é importante salientar que essa resolução representa um passo significativo para o aprimoramento ético da pesquisa com seres humanos no Brasil. Desse modo, a pesquisa necessita ser cadastrada inicialmente na Plataforma Brasil⁷ e depois aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da instituição na qual o pesquisador possua vínculo ou aplicará o estudo.

Sócrates: Cauteloso aluno, espero que também já tenha pensado nas questões éticas do estudo.

Platão: Sim, venerável mestre. Tudo já acertado. Considerarei os princípios éticos da pesquisa com seres humanos; todos os termos serão devidamente preenchidos e também irei submeter o trabalho ao Comitê de Ética e Pesquisa.

Na sequência, vamos observar a ideia geral da metodologia do projeto apresentado por Platão ao seu orientador, Sócrates.

⁷ A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada para registros de pesquisas envolvendo seres humanos, considerando todo o sistema CEP/CONEP. Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>.

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DE PROFESSORES MÉDICOS DO CURSO DE MEDICINA DE UMA UNIVERSIDADE NO CEARÁ: UM ESTUDO DE CASO
Paradigma - Fenomenológico
Campo de estudo - Educação
Abordagem - Qualitativa
Tipo de estudo - Estudo de caso
Cenário - Universidade Estadual do Ceará (UECE), Curso de Medicina
Participantes da pesquisa - 30 professores médicos do colegiado de medicina da UECE
Coleta de dados - Questionário fechado, entrevista semiestruturada e busca documental (fases 1, 2 e 3)
Análise de dados - Análise estatística descritiva, análise de conteúdo, análise objetiva - frequência (fases 1, 2 e 3)
Procedimentos éticos - De acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)

J SÍNTESE DO PROJETO (modelo)

A seguir é apresentada, de forma resumida, a síntese não apenas do caminho a ser percorrido no estudo de Platão, orientado por Sócrates, mas dos elementos primordiais desse projeto de tese, para sua compreensão:

Quadro 01: Síntese do projeto de pesquisa de Platão

Elementos	Característica
Título	Formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma Universidade no Ceará: um estudo de caso

Problematização	Questão principal: Qual a formação pedagógica de professores médicos que atuam no curso de medicina da Universidade Estadual do Ceará? Questões secundárias: a) Qual o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica? b) Como os participantes compreendem sua trajetória docente (como se tornaram professores)? c) Como os Currículos Lattes dos sujeitos se apresentam; no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem?
Objetivo geral	Analisar a formação pedagógica de professores médicos do curso de medicina de uma universidade pública no estado do Ceará, Nordeste brasileiro (demos uma enorpada no objetivo, mas mantemos a relação com o título e a pergunta principal).
O b j e t i v o s específicos	Identificar o perfil dos participantes quanto à sua experiência de formação pedagógica; Interpretar como os participantes compreendem sua trajetória docente; Mapear os Currículos Lattes dos sujeitos, no que se refere à participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem.
Revisão de literatura	Formação médica; Formação de professores; Formação pedagógica; Estudos relacionados.

Tipo de Estudo	Estudo de caso
Abordagem	Qualitativa
Cenário	UECE, curso de medicina
Participantes	30 professores médicos que atuam no curso de Medicina da UECE
Coleta e análise dos dados - Fase 01	Aplicação de um questionário semiestruturado: perfil dos professores participantes. Análise por meio da estatística simples e da Análise Temática de Minayo (2008). Responde ao objetivo específico nº 1.
Coleta e análise dos dados - Fase 02	Entrevista semiestruturada: pesquisa na Instituição de Ensino Superior (IES) privada, quais os estímulos, possibilidades, avanços e dificuldades. Análise Temática de Minayo (2008). Responde ao objetivo específico nº 2.
Coleta e análise dos dados - Fase 03	Pesquisa documental com o Currículo Lattes dos envolvidos sobre participação em eventos, publicações e orientações no campo da educação, ensino e processo de ensino-aprendizagem. Análise objetiva. Responde ao objetivo específico nº 3.
Procedimentos éticos	De acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).
Proposição final e ineditismo da tese	Produção de um manual didático de estímulo ao ensino para uso do professor médico.

Fonte: Autoria própria (2023).

Sugerimos que faça esse quadro ao final da metodologia, tornando-o uma gentileza ao leitor, lembrando-o de todo o percurso do projeto. Deve ser claro e compreensível, de modo que, ao ver o quadro, o leitor tenha uma ideia geral do projeto.

VIII CAPÍTULOS DERRADEIROS EM UMA PESQUISA ACADÊMICA: RESULTADOS/DISCUSSÕES E CONCLUSÕES FINAIS⁸

“A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento.”

Platão

Este capítulo do livro não trata mais do projeto fictício de Platão, que só se apresentou até a metodologia, no capítulo anterior. Na verdade, é uma cortesia ao leitor. O objetivo do livro era apresentar uma possibilidade de escrita de um projeto de mestrado ou doutorado, ou seja, introdução, objetivos, revisão de literatura e metodologia. Todavia, emergiu a necessidade de comentar, ao menos, o que vem após a metodologia, quando o estudo deixa de ser apenas um projeto e se apresenta como uma pesquisa realizada.

Assim, apresentamos neste capítulo, possibilidades de escrita dos resultados e discussões de uma pesquisa, além de propor um formato para o capítulo de conclusões finais.

A Resultados e discussões

O capítulo de resultados e discussões pode ser considerado um dos principais de uma escrita acadêmica, uma vez que nele serão revelados os achados da pesquisa, assim como se estabelecerão relações com as teorias, de modo a confirmar ou refutar, as hipóteses/pressupostos levantados inicialmente.

⁸ Este capítulo, originalmente escrito pela professora doutoranda Ms. Aline Lima (SME/Fortaleza), teve a colaboração posterior do Professor Dr. Heraldo Simões Ferreira (UECE).

As interpretações lançadas durante a análise dos dados devem ser construídas constantemente em torno das questões de pesquisa. Yin (2016, p. 171) destaca que durante todo o processo analítico que compreende essa fase, faz-se importante levantar os seguintes questionamentos: quais são as características distintivas de seu estudo? Como os dados coletados podem ser relacionados às questões de pesquisa originais? Surgiram conhecimentos potencialmente novos?

Lüdke e André (2018) acrescentam que, para apresentar os dados de maneira mais clara, será necessário rever suas ideias iniciais, repensá-las e reavaliá-las, o que não impede que outras ideias surjam.

Há que se considerar também o desafio de apresentar os dados de uma maneira que comunique claramente os resultados, sem tornar essa apresentação tediosa, verborrágica ou vaga (YIN, 2016).

Em pesquisas quantitativas, as estratégias comuns são coletar dados numéricos e apresentá-los utilizando a estatística. Já nas pesquisas qualitativas, por retratarem fenômenos na perspectiva dos participantes, é comum fazer uso de trechos das respostas para destacar suas vozes.

Em ambos os casos, é necessário realizar comparações com outros estudos, assim como estabelecer relações entre os dados de maneira a refletir ou contrapor ideias presentes nos referenciais teóricos que direcionam a análise. Segundo Gil (2008), a comparação é considerada a principal ferramenta intelectual. Nesse sentido, como já anunciado, podem ser realizadas comparações entre os dados do próprio estudo, entre os achados e modelos já definidos, assim como relacioná-los com os dados de outras pesquisas.

Lüdke e André (2018) nos alertam ainda de que essa fase do estudo deve transpor a mera descrição dos acha-

dos. Será fundamental realizar abstrações a partir dos dados, estabelecendo conexões que possibilitem novas explicações e interpretações, ou seja, é preciso acrescer algo ao já conhecido. O acréscimo sinalizado pelas autoras pode ir desde uma nova perspectiva teórica ao levantamento de novas questões a serem exploradas futuramente.

A depender da técnica escolhida para a coleta/produção de dados, pode ser delineado um caminho para a apresentação e discussão dos resultados. Apresentaremos, a seguir, uma proposta para as mais utilizadas formas de coleta e análise.

1 Questionário fechado, objetivo, quantitativo

- a) Se o questionário for fechado, objetivo, apresente inicialmente o questionamento. Por ex.: "Foi perguntado aos envolvidos se estes se exercitavam diariamente", questão por questão, ou, caso sejam muitas, apresente-as em um bloco de questões;
- b) Em seguida, revele o resultado. Por exemplo: de 30 participantes, três responderam negativamente e 17 de forma positiva}. Apresente gráficos/tabelas/quadros (sem repetir as informações já ditas), nesse caso recorra a percentuais, abordagem quantitativa, análise por estatística descritiva;
- c) Por fim, discuta e analise os dados, trazendo sua opinião, estudos, autores e referenciais teóricos que tratem do tema proposto.

2 Entrevista/Questionário - abertos, subjetivos, interpretativos e qualitativos

- a) Apresente os questionamentos, questão por questão, ou, caso sejam muitas, em bloco de questões;
- b) Revele o resultado interpretando as falas ou escritas dos sujeitos em categorias, ou melhor, frequência de te-

mas. Por exemplo, em uma pesquisa com 10 docentes, se faz a seguinte pergunta: por qual motivo tornou-se professor? Os participantes podem responder de forma livre, pois não há opções de escolha para as respostas.

Seguem as respostas (entenda P como participante):

P 1: "O motivo maior foi porque meu pai era professor, via-o preparando as aulas e queria fazer o mesmo".

P 2: "*Venho de uma família de professores, nada mais natural que eu seguisse o mesmo caminho*".

P 3: "*Gosto de socializar, conversar com os outros, trocar experiências, acho que foi por esse motivo*".

P 4: "*Acredito que foi pelo fato de ter possibilidades de concurso e assim ter uma carreira estável*".

P 5: "*Por amor. Amo ensinar e aprender com os alunos, gosto muito da possibilidade de ajudá-los a entender a vida e a serem melhores*".

P 6: "*Estava procurando algo que me desse oportunidade de ser um servidor público concursado*".

P 7: "*Meus pais, assim como meu irmão mais velho, são professores. Desde pequeno, meu pai me levava para a escola onde ele dava aula e assim fui criando gosto pela profissão*".

P 8: "*Tinha uma tia que era professora da universidade. Seu exemplo me arrastou para a profissão. Queria ser*

igual a ela, ministrar aulas, palestras, cursos, etc.”.

P. 9: “Acho que eu queria ser alguém que pudesse ajudar as pessoas a serem pessoas melhores. Assim, resolvi ser professor. E tenho conseguido!”.

P. 10: “Precisava ter um futuro e sabia que sempre existiram concursos para professor, e sempre vão existir, assim escolhi ser professor”.

Com essas respostas, o pesquisador poderia assim formular suas categorias temáticas: influência familiar (4 falas - P1, P2, P7 e P8), estabilidade financeira (3 falas - P4, P6 e P10), contribuir com alunos (2 falas - P5 e P 9) e socialização (1 fala - P3).

Desta feita, quatro participantes (40%) afirmaram que se tornaram professores por influência familiar; outros 30%, três envolvidos, se referiram à estabilidade financeira como maior motivo; dois sujeitos, ou seja, 20%, escolheram a profissão pela possibilidade de poder contribuir com o crescimento dos alunos; e apenas um envolvido (10%) citou que a razão era a socialização que a profissão oferece.

Aqui o pesquisador pode destacar as escritas/falas que mais representam cada categoria criada (caso sejam muitos os participantes, não há a necessidade de reproduzir todas as falas). Observe que as categorias/temas são elaboradas pelo pesquisador a partir da interpretação da escrita livre, ou da fala, dos envolvidos (abordagem qualitativa - análise de conteúdo ou análise temática);

c) Por fim, discuta e analise os dados, trazendo sua opinião, estudos, autores e referenciais teóricos que tratam do tema proposto.

3 Observação

- a) Apresente o que foi observado através de um roteiro de observação previamente elaborado. Registre tudo em um diário de campo;
- b) Revele o resultado em quantidade (no caso de abordagem quantitativa, análise por estatística descritiva) ou interpretando o que foi observado por meio da subjetividade do próprio pesquisador, considerando o contexto, os participantes e os fenômenos estudados (abordagem qualitativa - análise de conteúdo ou análise temática);
- c) Por fim, discuta e analise os dados, trazendo sua opinião, estudos, autores e referenciais teóricos que tratem do tema proposto.

4 Testes

- a) Revele o protocolo dos testes, assim como seus escores padrões;
- b) Em seguida, revele o resultado por meio de gráficos/tabelas/quadros - abordagem quantitativa - análise por meio de estatística descritiva;
- c) Por fim, discuta e analise os dados, trazendo sua opinião, estudos, autores e referenciais teóricos que tratem do tema proposto.

5 Busca documental

- a) Evidencie o que buscou nos documentos, através de um roteiro previamente elaborado. Registre tudo em um diário de campo;
- b) Demonstre o resultado em quantidade (no caso de abordagem quantitativa, análise por meio de estatística descritiva - por exemplo: quantas vezes a palavra saúde aparece na Base Nacional Curricular Comum? Se aparece, em qual seção?) ou interpretando o que foi encon-

trado através da subjetividade do próprio pesquisador, levando em conta o contexto, o conteúdo dos documentos e os fenômenos estudados (abordagem qualitativa - análise de conteúdo ou de discurso);

- c) Para concluir, discuta e analise os dados, trazendo sua opinião, estudos, autores e referenciais teóricos que tratem do tema proposto.

É perceptível a importância de trazer os resultados de maneira clara, fazendo relações com os demais achados, buscando referências de estudos semelhantes em outras realidades ou que contemplem a temática, de maneira a atender critérios de cientificidade. Como reforça Flick (2013), os dados deverão ser apresentados de maneira que os achados não sejam julgados como arbitrários, singulares ou questionáveis, mas sim baseados em evidências.

Apresentados os resultados e discussões, a escrita científica findará na seção de conclusão, momento no qual será apresentada uma síntese de toda a investigação.

B Conclusão/Considerações finais

A conclusão, também nomeada em alguns trabalhos de considerações finais, recomendações ou recomendações finais, é o capítulo final de redação de uma pesquisa, apresentando os resultados relevantes e devendo estar intimamente ligada à hipótese/pressupostos investigados, cuja validade foi confirmada ou negada. Trata-se de uma síntese das ideias principais e dos resultados obtidos (MARCONI; LAKATOS, 2019).

As autoras supracitadas reforçam a importância de a conclusão estar concatenada com a introdução, observando se o que foi prometido foi cumprido e se os objetivos traçados foram alcançados. É por esse motivo que ambas as seções são as últimas partes a serem redigidas.

Severino (2000, p. 85) sumariza por fim que “na introdução, anuncia-se o que se pretende dizer; no corpo, desenvolve-se a ideia anunciada; na conclusão, resume-se ou sintetiza-se o que se conseguiu”.

Mais que um espaço de síntese, a conclusão também agrega críticas e reflexões pessoais, seja sobre as escolhas realizadas no decorrer da investigação, seja para apontar problemas que ficaram sem solução e que possam ser estudados posteriormente. Ou seja, a conclusão também se configura como um espaço para destacar os percalços ocorridos na pesquisa, assim como elencar recomendações para possíveis avanços em relação ao que foi encontrado.

Para auxiliar a redação dessa seção, sugerimos que esse capítulo seja dividido em três partes:

- a) **Conclusão** (relativa à pesquisa em si e seus resultados);
- b) **Considerações** (acerca das escolhas, dificuldades e facilidades do percurso do estudo); e,
- c) **Recomendações** (tratam de propostas, sugestões e recomendações).

Na parte que trata da **conclusão**, resgate o objetivo geral da pesquisa, responda ao objetivo e à pergunta da investigação, destaque o encontrado, confirme ou rechaçe as hipóteses ou pressupostos formulados, assim como a tese proposta. Enfim, realmente conclua!

No momento das **considerações**, cite e comente as condições favoráveis e as negativas em relação aos aspectos metodológicos que foram utilizados no estudo – paradigma, abordagem, tipo de estudo, técnicas de coleta e análise. Comente sobre o processo de ida a campo, o cenário, os participantes e como foi recebido. Teça considerações gerais sobre o processo realizado na pesquisa.

Já para o momento em que for tratar das **recomendações**, explicita a necessidade de novos estudos e comente que a pesquisa não se encerra em sua proposta de pesquisa. Cite suas colaborações. Sugira ações governamentais, políticas públicas e soluções. Por fim, lance proposições ancoradas no ineditismo.

Se você conseguir apresentar no capítulo final de sua pesquisa esses três elementos – conclusão, considerações e recomendações –, seu trabalho, em sua parte derradeira, estará completo.

C Epílogo

Após a leitura deste livro, esperamos ter contribuído para que o processo de escrita de um projeto de dissertação ou tese de doutorado seja mais prazeroso e menos complexo, desmitificando o mito de que o caminho da pesquisa é tortuoso e de difícil compreensão.

A escrita do texto foi realizada ancorada na experiência do autor como docente do ensino superior por 20 anos, já tendo orientado mais de 150 pesquisas concluídas e possuindo 350 participações em bancas.

Sabemos que a escrita da pesquisa científica possui muitos caminhos e estilos; todavia, escolha um e se apodere de seus argumentos. Boa sorte em seus estudos! Sucesso!

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, José Wellington Marinho de. **Metodologia Científica**. [recurso eletrônico] / José Wellington Marinho de Aragão, Maria Adelina Hayne Mendes Neta. - Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017. 51 p.: il.

ARAGÃO, J. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. **REVISTA PRÁXIS** ano III, nº 6 – agosto. 2011.

ARAÚJO, A. C. de; SILVA, J. F. da; OVENS, A. P.; KNIJNIK, J. D.; Mídia e tecnologia no currículo de Educação Física: um estudo exploratório em diálogo internacional. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1768-1785, set./dez. 2021. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss3articles/araujo-silva-ovens-knijnik.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORDAL, A. A. Estudo transversal e/ou longitudinal. **Rev. Para**. Belém ed. v.20 n.4. dez. 2006.

BRIZOLA, J.; FANTIN, N. REVISÃO DA LITERATURA E REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA. **Revista de Educação do Vale do Arinos - RELVA**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2017. DOI: 10.30681/relva.v3i2.1738. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/1738>. Acesso em: 6 fev. 2023.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

COLLADO, C. F.; LUCIO, M. D. P. B.; SAMPIERI, R. H. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

COOPER, H. M. **Synthesizing Research: A Guide for Literature Reviews**. Sage Publications, 1989.

CRISTIANE, M. M. Abordagens e procedimentos qualitativos: implicações para pesquisas em organizações **Revista Alcance**. vol. 21, núm. 2, pp. 324-349, abril-junho, 2014.

DENCKER, A. de F. M; VIÁ, S. C. da. **Metodologia científica: pesquisa empírica em ciências humanas**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

EVÊNCIO, K. M. M, et al. Dos Tipos de Conhecimento às Pesquisas Qualitativas em Educação; **Id on Line Rev. Mult. Psic.** V.13, N. 47, p. 440-452, outubro/2019.

FERRAZ, A. P. C. M., & BELHOT, R. V. Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para a definição de objetivos instrucionais. São Carlos: UFSCAR. 2020.

FIALHO, Lia Machado Fiuza et al. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/350>

FIALHO, Lia Machado Fiuza Fialho. XAVIER, Antonio Roberto. VASCONCELOS, José Gerardo Vasconcelos. **História, Memória e Educação: aspectos, conceituais e teórico-metodológicos.** Fortaleza: EduECE, 2018.

FLICK, U. **Introdução à metodologia da pesquisa: um guia para iniciantes.** Porto Alegre: Penso, 2013.

Galvan, J. **Writing Literature Reviews: A Guide for Students of the Social and Behavioral Sciences.** Sage Publications, 2006.

GARCES, S. B. B. **Classificação e Tipos de Pesquisas.** Universidade de Cruz Alta – Unicruz; Abril de 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas: 2002

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

.GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social.** 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica.** 2.ed. Campinas, SP. Editora Alínea, 2001.

GUBA, E. e LINCOLN, Y. **Competing paradigms in qualitative research**. In: N.K.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2º ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MATTOS, P. C. **Tipos de Revisão de Literatura**. 2015, Disponível em: <<https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-evisao-de-literatura.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

MAZZOTTI, Alda J. Alves; GEWANDSZNAJDWER, Fernando. Revisão da bibliografia. In: **O Método nas Ciências Naturais e sociais**: pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2000

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORESI, E. (Org.). **Metodologia da pesquisa**. Universidade católica de Brasília-UCB, Pró-reitoria de pós-graduação-PRPS, 2003.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

PAVAN, Mayra Gabriella de Rezende. **"Desmitificar ou desmistificar?"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/desmitificar-ou-desmistificar.htm>. Acesso em 27 de janeiro de 2023.

PARKER, R. . **"How to Review the Literature: A Four-Step Guide"**. College Teaching, vol. 62, n. 1, pp. 50-54, 2014.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História oral**, 3, 2000, p. 117-27.

POLIT D. F; BECK C. T. **Fundamentos de Pesquisa em enfermagem**: avaliação de evidências para as práticas da enfermagem. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5.ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, S. A. da; MATOS, E. S. de; VELTEN, M. C. C. Exergames como conteúdo estratégico na Educação Física escolar. Revista **Psicopedagogia**, São Paulo, v. 38, n. 117, p. 364-374, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862021000300006&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 25 jan. 2023.

SOUZA JUNIOR, A. F. de; CUNHA, S. M. da; FELIX, C. V. de M.; OLIVEIRA, M. R. R. de; ARAÚJO, A. C. de. Pro-

dução de narrativas digitais sobre os Jogos Olímpicos: experiências com as histórias em quadrinhos. **Educação, [S. l.]**, v. 7, n. 3, p. 27–40, 2019. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/4491>. Acesso em: 25 jan. 2023.

STAKE, R.E. **Investigacion com estudos de caso**. Madrid: Morata, 1998.

TEIXEIRA, E. B. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica importância e desafios em estudos organizacionais**. Ano 01. n. 2. jul./dez; 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TORRES, A. L. Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação e atuação do professor de Educação Física. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará-PPGE/UECE. Fortaleza, 2015. Disponível em: https://www.uece.br/ppge/wp-content/uploads/sites/29/2019/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o_ALINE-LIMA-TORRES.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

TORRES, A. L.; FERREIRA, H. S. Ações formativas para o uso das tecnologias na prática de professores de Educação Física em um contexto pandêmico. **Revista Cocar**, Pará, v. 16, n. 34, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4851>. Acesso em: 27 jan. 2023.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set./dez. 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e método. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Porto Alegre: Penso, 2016. e-PUB.

YIN, R.K. **Estudos de caso:** planejamento e método. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Heraldo Simões Ferreira



Pós doutor pelo em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, área de Educação Física Escolar (UNESP, 2016). Doutor em Saúde Coletiva (UECE, 2011). Mestre em Educação em Saúde (UNIFOR, 2005). Especialista em Psicomotricidade (UECE, 2001). Professor de Educação Física (UNIFOR, 1992) (CREF - 590 G/CE). É Professor Associado da Universidade Estadual do Ceará. É professor do Programa de Pós Graduação em Educação da UECE - PPGE e do Curso de Mestrado Profissional Ensino da Saúde - CMEPES/UECE. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar - GEPEFE/UECE. Coordenador do Curso de Graduação em Educação Física à Distância da UECE/UAB. Faixa Preta 6º Grau de Karate (CBK).

Email: heraldo.simoes@uece.br

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
“Nossos bosques têm mais vida”,
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
— Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada,
Brasil!

HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!
Soa o clarim que a tua glória conta!
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta
Em clarão que seduz!
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!
Chuvas de prata rolem das estrelas...
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,
Ressoe a voz dos ninhos...
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!
Ruja teu peito em luta contra a morte,
Acordando a amplidão.
Peito que deu alívio a quem sofria
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!
Vento feliz conduza a vela ousada;
Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano,
Se, à proa, vão heróis e marinheiros
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!
Porque esse chão que embebe a água dos rios
Há de florar em messes, nos estios
Em bosques, pelas águas!
Selvas e rios, serras e florestas
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,
Sobre as revoltas águas dos teus mares!
E, desfaldando, diga aos céus e aos ares
A vitória imortal!
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2023-2024

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit
2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Secretário

Deputada Juliana Lucena
2ª Secretária

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues
4º Secretário

EDIÇÕES INESP

João Milton Cunha de Miranda
Diretor Executivo

EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo
Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica

**Cleomárcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,
Hadson França e João Alfredo**
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal
Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni e Rical Gomes de Oliveira
Diagramação

José Gotardo Filho, Saulo Macedo e Valdemice Costa (Valdo)
Equipe de Design Gráfico

João Victor Sampaio e Leticia Gomes Albuquerque
Estagiário

Rachel Garcia Bastos de Araújo
Redação

Valquiria Moreira
Secretaria Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante
Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim
Assessoria de Imprensa

**Gustavo Rodrigues de Vasconcelos, Lúcia Maria Jacó Rocha e
Sandra Bastos Mesquita**
Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studert Vieira
Equipe Auxiliar de Revisão

Site: <https://www.al.ce.gov.br/paginas/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara-inesp>

E-mail: presidenciainesp@al.ce.gov.br

Fone: (85) 3277-3702



ALECE

Av. Desembargador Moreira, 2807,
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP: 60.170-900
Site: <https://www.al.ce.gov.br/>
Fone: (85) 3277.2500



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora 2023-2024

Deputado Evandro Leitão
Presidente

Deputado Fernando Santana
1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit
2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira
1º Secretário

Deputada Juliana Lucena
2ª Secretária

Deputado João Jaime
3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues
4º Secretário



Escaneie o QR CODE
e acesse nossas
publicações

APOIO INSTITUCIONAL:

